

Nos versos da existência: A literatura lésbica como um lugar de representatividade, acolhimento e construção de identidade na poética de Elayne Baeta¹

Anabela Gomes de Moura²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo evidenciar, analisar e debater a literatura como um lugar de representatividade, identificação, acolhimento e reflexão acerca da existência lésbica, tomando como objeto de análise textos selecionados da obra poética "*Oxe, baby*" (2019) da escritora Elayne Baeta. O embasamento teórico está fundamentado pelos escritos e debates propostos por Rich (2010), Anzaldúa (2021), Antunes e Pimentel (2020), hooks (2021) e outros, cujas reflexões foram pertinentes para a análise e construção desse trabalho. As percepções resultantes dos poemas analisados evidenciam como a literatura age não somente como um instrumento transformador das visões de mundo, mas como um espaço de empoderamento, construção de identidades e oportunidades de fala para vozes silenciadas e existências marginalizadas pelas estruturas hegemônicas e pelo rígido cânone literário.

Palavras-chave: Poesia, representatividade lésbica, Elayne Baeta, *Oxe baby*

Resumen: El objetivo de este trabajo es evidenciar, analizar y debatir la literatura como un lugar de representatividad, identificación, acogida y reflexión sobre la existencia lesbiana, adoptando como objeto de análisis textos seleccionados de la obra poética "*Oxe, baby*" (2019) de la escritora Elayne Baeta. La base teórica se fundamenta en los escritos y debates propuestos por Rich (2010), Anzaldúa (2021), Antunes y Pimentel (2020), hooks (2021) y otros, cuyas reflexiones fueron pertinentes para el análisis y la construcción de este trabajo. Las percepciones resultantes de los poemas analizados evidencian cómo la literatura actúa no solo como un instrumento transformador de las visiones del mundo, sino como un espacio de empoderamiento, construcción de identidades y oportunidades de habla para las voces silenciadas y las existencias marginadas por las estructuras hegemónicas y el rígido canon literario.

Palabras-clave: Poesía, representatividad, lesbiana, Elayne Baeta, *Oxe baby*

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação do Prof. Dr.^a Sherry Morgana Justino de Almeida. E-mail: sherry.almeida@ufrpe.br

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: anabelagomes097@gmail.com

Introdução: Literatura: para ser e para o quê?

A discussão sobre o que define literatura é tão antiga quanto os próprios escritos. Diante do vasto e maleável mar de conceitos, diversas obras que nos dias atuais são consideradas partes importantes da história literária, em algum momento e em algum lugar, foram tidas como simples relatos ou documentos históricos, como por exemplo, a famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, atualmente estudada dentro do viés quinhentista da Literatura Brasileira. Tal debate a respeito do que se define por literatura passou por evoluções ao longo dos anos e, ao invés de se discutir propriamente qual o conceito de literatura, os questionamentos passaram a girar em torno do que se define como uma literatura “boa” e uma literatura “ruim”, ou mais precisamente, uma “alta” e uma “baixa” literatura. Segundo Moriconi(2020), nos séculos mais recentes, tanto o conceito de literatura quanto as produções em si dependem dos chamados “circuitos literários”, que são contextos de produção nos quais os textos que circulam atendem a determinados padrões de criação e consumo, atendendo a diferentes nichos, cada qual com seu interesse literário definido. Para exemplificar, o autor define dois grandes circuitos literários da contemporaneidade, o circuito de mercado, no qual o interesse da instrumentalização literária está a serviço do entretenimento; e o circuito acadêmico, no qual o interesse está pautado somente no conhecimento disciplinar oferecido. Além disso, Moriconi também afirma que não se pode sobrepor os critérios de avaliação de um circuito ao outro, visto que, como já dito, cada um deles tem seus objetivos de produção e público pré-definidos. Seja um circuito ou outro, “ambos possuem em comum o gesto de isolar a situação comunicacional literária da vida vívida” (Moriconi, 2020, p. 35).

Não é absurdo afirmar que muito desse debate sobre a qualidade da produção literária provém do beletismo e da rigidez criada pelos cânones literários, construídos e fortalecidos por grupos hegemônicos que detiveram e ainda detêm o poder para decidir o que seria lido e exaltado. A conceituação acerca do que é literatura é complexa, mas, de maneira sucinta, pode-se dizer que essa é definida por um conjunto de convenções sociais e culturais variáveis que estão em constante transformação em diferentes contextos. No entanto, é justo constatar que a definição estará diretamente atrelada àqueles que possuem o poder para decidir sobre ela. Uma das provas mais evidentes disso, é que o papel da literatura dentro da educação brasileira está relacionado ao engessamento dos saberes e ao apagamento de vivências marginalizadas, retirando a fruição concernente ao processo de ler e resumindo seus estudos somente a leitura e a análise estrutural dos clássicos. Machado e Soares (2021, p. 1001), ao refletirem sobre a ideia de ensino de Catherine Walsh (2009), apontam que: “estruturas em

que se fundam a nossa escola e as práticas de ensino que ainda hoje se perpetuam possuem em si práticas de exclusão, negação e subalternização dos grupos e sujeitos racializados, caracterizando-se, pois, como práticas de desumanização e subordinação de conhecimentos”. Essas práticas de apagamento são resultado direto da atuação da crítica literária e da determinação do cânone que, durante séculos, utilizou critérios e modelos eurocêntricos para definir o que é ou não é literatura, a partir de uma série de fatores excludente mobilizados seletivamente para garantir a permanência do *status quo* (Machado, Soares, 2021).

Dessa forma, independentemente do debate sobre *o que é* e *o que se lê*, é muito frutífera a discussão acerca do *para que serve* a literatura, visto que, para além das discordâncias, é incontestável que ela age como um instrumento deveras eficiente no que se refere a construção e formação do indivíduo e de toda sociedade. É na e, por meio da literatura, que o sujeito visualiza o mundo e reflete sobre ele, enxerga os diferentes cenários da realidade em que está inserido, molda suas percepções, suas visões, seus posicionamentos, constrói sua humanidade, reconhece o outro e, por vezes, reconhece também a sua própria existência. A literatura possui essa capacidade de oferecer descobertas e “redescobertas” que antes passavam despercebidas pelo sujeito, assim como também dispõe do poder de fechar os olhos e a mente daqueles que ela toca. Segundo Soares (2008 *apud* Machado e Soares, 2021, p. 996-7), a leitura literária é uma maneira de democratizar o ser humano, porque ela evidencia o homem e a sociedade em sua complexidade, tornando aqueles que lêem mais compreensivos e tolerantes.

Tendo conhecimento desse potencial, é evidente que a literatura foi e é usada como ferramenta de controle e manutenção de estruturas hegemônicas e excludentes, funcionando como uma forma de retumbar determinadas vozes e silenciar outras, pôr em evidência sujeitos privilegiados enquanto condena outros à marginalização, ao esquecimento, à inexistência; manipulada para dar espaço e visibilidade àquilo que tais estrutura querem que permaneça intocado enquanto atira no abismo da negação as existências outras que se desviam dos padrões. Nesse sentido, dotada dessa potência transformadora capaz de moldar indivíduos e suas lentes ideológicas, a literatura, – dependendo de quem e de como – pode ser uma forma de libertação ou de aprisionamento; de expressão ou de ocultação; de naturalização ou de deslegitimação. Pode ser a arma que controla e mata ou a arma utilizada contra os próprios opressores, desconfigurando lógicas e normas impostas. A literatura, portanto, “atua como organizadora da mente e é refinadora da sensibilidade, como oferta de valores num mundo onde eles se apresentam flutuantes” (Candido, s.d *apud* Perrone-Moisés, 2000, p. 351).

Além de poder ser tomada como *instrumento*, ousa dizer que a literatura é ainda um *lugar*, pois nela pode se criar um terreno fértil de acolhimento e validação no qual vozes subalternizadas podem criar raízes e florescer. Um lugar capaz de concentrar em si as transformações que irão romper com as estruturas de poder, com as lógicas impostas; um lugar do qual nascerão sujeitos conscientes, críticos e capazes de se colocar em evidência e de se reconhecerem; um lugar de apoio. Um lugar de luta. Um lugar de representatividade. É desse lugar que irão emergir as dúvidas, os questionamentos acerca do cânone, do que é ou não é literatura, do porquê determinadas minorias foram excluídas, silenciadas e esquecidas dado que seus escritos atendiam às mesmas convenções sociais dos textos exaltados.

É a partir dessa perspectiva teórica que proponho neste artigo uma análise da literatura como um agente transformador e como lugar de representatividade de mulheres de sexualidade dissidente, utilizando como *corpus* poemas selecionados da obra “*Oxe, baby*” (2021), da escritora lésbica e desfeminizada Elayne Baeta. O objetivo deste trabalho é evidenciar por meio de tais poemas como a literatura pode servir tanto como instrumento de sensibilização e construção do ser quanto como um espaço de identificação, acolhimento e reflexão, indo de encontro ao cânone e revelando espaços de apoio e empoderamento para as vozes de mulheres que amam mulheres, tão marginalizadas e silenciadas ao longo de sua existência.

A metodologia de análise foi baseada na leitura, interpretação e debate dos poemas escolhidos, examinando suas conexões com temáticas pertinentes às vivências de mulheres de sexualidade dissidente e expondo de maneira crítica como essas experiências se relacionam com estruturas de poder na sociedade. Quanto ao critério de seleção dos textos, busquei construir um viés analítico por meio de um contínuo de fenômenos concernentes às vivências destas mulheres, isto é, escolhi poemas que falam desde o momento da descoberta e da auto aceitação como um evento individual até poemas que abordam esse reconhecimento de si como forma de resistência e também de luta coletiva.

Tanto a escolha da área de pesquisa quanto do tema e do *corpus* deste trabalho são de caráter personalístico. Desde a infância, a literatura, sobretudo a leitura e escrita de poemas, são uma espécie de lugar de fuga, de manifestação de sentimentos e de auto regulação. Menina solitária e vítima de *bullying* por se desviar de uma performance de gênero estritamente feminina - dentre outros motivos - , encontrei nas palavras a salvação que me faltava. Como bem dito pelo célebre poeta Mário Quintana:

O poema é uma garrafa de náufrago jogada ao mar.
Quem a encontra
Salva-se a si mesmo... (QUINTANA, 2003, p 108)

Ao ingressar na graduação em Letras após um evento sobre literatura de autoria feminina, tinha por objetivo entender o poder transformador e acolhedor das palavras, sem desconfiar que, durante minha trajetória acadêmica, outras descobertas de cunho pessoal alavancariam essa busca. Me compreendendo como uma mulher bissexual e desfeminilizada, passei a visualizar e entender os incômodos concernentes à literatura excludente do cânone, que tanto serviu e serve as estruturas coloniais, misóginas, lgbtfóbicas e racistas. Diante da solidão acadêmica, literária e social, pois nos livros ditos clássicos eu mal podia enxergar a representação de mulheres, quem dirá daquelas que desejam outras, e nos círculos de amizade e de família eu era a única com esse “perfil”, encontrei em certos estudos e nos escritos da autora Elayne Baeta um conforto e uma noção de existência, muito mais guiada por uma necessidade de me compreender do que qualquer outra coisa, afinal, literatura também é sobre fruição, sobre os anseios pessoais concernentes ao gosto de cada indivíduo.

Quanto à escritora escolhida, são necessárias algumas informações de cunho biográfico para que fique ainda mais clara a dimensão de sua importância. De origem humilde e natural de Salvador (BA), Elayne Baeta³ já se conectava com as palavras antes mesmo de conseguir lê-las. Leitora ávida, teve como primeiro amor a personagem Capitú, de Machado de Assis. Apesar disso e de seu afeto pelos clássicos, como Jorge Amado e Graciliano Ramos, não conseguia enxergar nessas histórias a sua própria. Ao se descobrir lésbica aos 14 anos, notou como a falta de representatividade na literatura pode ser profundamente sentida.

Diante da ausência dessas narrativas, Elayne passou a escrever aquilo que gostaria de ter lido. No Wattpad, famoso aplicativo de histórias autorais e fanfics, publicou em 2017 a primeira versão de "O amor não é óbvio", sem imaginar que este livro se tornaria o primeiro best-seller lésbico do Brasil, alcançando garotas de diferentes lugares que agora tinham o que ela não teve: uma história sobre meninas que amam meninas. Depois do sucesso do primeiro livro, lançado oficialmente pela editora Galera Records em 2019, Elayne se dedicou a outros projetos, como o podcast *Lésbica & Ansiosa* (2020), no qual discute os sentimentos e vivências lésbicas em diferentes contextos; o caderno de poemas *Oxe, baby* (2021), uma coletânea de poesias sobre suas experiências; e *Coisas óbvias sobre o amor* (2024),

3

<https://jornaldebrasil.com.br/viva/literatura/quem-e-elayne-baeta-que-atendia-em-funeraria-e-virou-sucesso-le-sbico-na-literatura/>

continuação do primeiro livro. Se *O amor não é óbvio* (2019) tem como foco narrativo a história de um casal lésbico perante os conflitos promovidos pela soma dos elementos da adolescência, sexualidade e vida escolar, sua continuação se atenta a questões mais complexas vivenciadas pelo início da vida adulta, como tomada de decisões, dores e reflexões acerca da sua própria existência no mundo. Com 16 mil cópias vendidas apenas em sua prévia de lançamento, o livro alcançou a marca de maior pré-venda de um autor brasileiro⁴. Figura engajada nas questões de representatividade e no auxílio a ONGs que oferecem acolhimento às pessoas LGBTQIAP+ em situação de vulnerabilidade, Elayne Baeta se consagrou como um importante símbolo de resistência e inspiração.⁵ Baiana, lésbica e mulher desfeminizada, se tornou a voz que não ouviu durante sua trajetória e acolheu diversos corações sem perceber, utilizando a literatura como ponte, como lugar de representatividade.

A escolha do livro de poemas *Oxe, baby* partiu tanto de um gosto pessoal pelo gênero poema quanto pelo reconhecimento de que outras pessoas de sexualidade/performance de gênero dissidentes ao meu redor (e em outros lugares do Brasil) encontram em seus versos a identificação e afirmação de que careciam. A obra é um “caderno de poemas” com textos que a autora escreveu durante sua adolescência/início da vida adulta, mesclando tanto as vivências do processo de descoberta quanto às que se referem ao “depois” desse evento.

Palavras que abraçam: representatividade, identificação, acolhimento e reflexão nos poemas de *Oxe, baby*

Oxe, baby possui oitenta e dois poemas que vão desde as construções estruturais mais convencionais até aquelas escritas em prosa ou em somente um verso, além de ilustrações e rabiscos feitos pela própria autora (imagem 1) que carregam profundos significados e potências de debate. Os poemas escolhidos para a análise, conforme o proposto pelo objetivo, foram selecionados com o propósito de evidenciar, discutir e promover a reflexão de que a literatura, mais especificamente a de mulheres que amam mulheres, é um importante lugar de

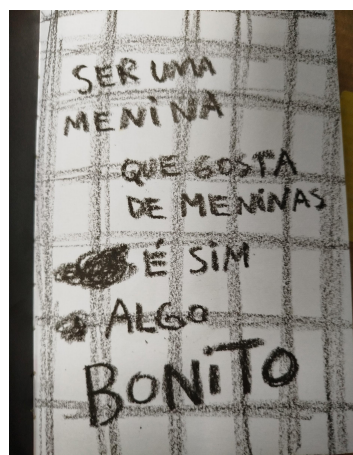
4

<https://noticiasdabahia.com.br/conheca-elayne-baeta-autora-baiana-com-livro-recordista-de-pre-venda-no-brasil/#:~:text=Aos%2012%20anos%2C%20Elayne%20come%C3%A7ou,Carla%20Madeira%20e%20Ad%C3%A9lia%20Prado.>

⁵ Em 2019, numa sessão de autógrafos de "O amor não é óbvio", Elayne Baeta recebeu uma cuspidinha no rosto, vinda de uma mulher que ficou insatisfeita ao descobrir que a temática do tão famoso livro era sobre amor lésbico. Tal incidente não a freou, mas, pelo contrário, a incentivou a continuar resistindo, insistindo e dando vez e voz a um público historicamente marginalizado. Até o presente momento, ela continua inspirando e encorajando diferentes pessoas que se conectam com sua escrita. Eu sou uma delas.

representação, representatividade, identificação e refúgio, devendo sim ser estudada sob a luz de um pensamento crítico que reconheça seu papel transformador e construtor na vida meninas e mulheres que sofrem, por vezes sem perceber, com a ausência da representação de suas vivências.

Imagem 1: uma das páginas que abrem o livro *Oxe Baby*.



Fonte: fotografia realizada pela autora a partir de *Oxe, baby*, de Baeta (2024, p. 9)

É imprescindível destacar que, embora já haja avanços perante a rigidez do cânone literário, vozes marginalizadas (mulheres, pessoas negras, pessoas de sexualidade e/ou gêneros dissidentes, indígenas e outros) ainda lutam por espaço e o direito de serem ouvidas. *Oxe, baby* pode não ser considerado pela crítica especializada e letrada uma grande obra da literatura, tanto por ser de autoria lésbica quanto por ser tido como algo de tom mais pessoal e voltado ao público jovem, traços que normalmente estigmatizam obras e as coloca numa posição menor ou descredibilizada. Mas a questão principal acerca disso é: quem ou o que pode definir uma grande criação? *Oxe, baby*, apesar dos estigmas que pode vir a carregar, ainda é um livro de poemas que aborda vivências esquecidas, excluídas, invalidadas, e que convida aqueles que leem a se sentirem acolhidos e representados, podendo servir também como porta de entrada para outras obras de autoria de mulheres que amam mulheres ou até mesmo para obras cristalizadas no cânone que podem ser tomadas como objeto de questionamento acerca da representatividade na literatura.

O poema “descoberta”, um dos primeiros que abre o livro, usa dos vários sentidos que esta palavra possui para propor uma reflexão acerca do processo de aceitação experienciado por grande parte das meninas que se relacionam com meninas. Situados numa estrutura livre

e simples que demonstram a liberdade da autora para escrever, ser e sentir, os versos dizem o seguinte:

Descobrir
Também é
Erguer o pano de algo
Que estava coberto
O que descobrimos
Já estava lá
Desde antes
Embaixo de um pano
Quieto
Esperando a hora
Enquanto todos ouvimos MPB distraídos

O pano que cobre a parte das meninas que querem meninas é costurado delicadamente por essa senhora envergada a quem chamamos de Época.

O pano do vestido das meninas não sei exatamente quem costura.

Mas me descubro
Toda vez
Que ela se descobre
Toda vez que ela me descobre
Eu descubro toda vez
Que quando nos descobrimos
Ganhamos da época

Enquanto todos ouvem MPB distraídos” (BAETA, 2021, p. 12)

A palavra “descoberta” é frequentemente empregada para se falar de algo novo, algo não detectado anteriormente ou, quem sabe, uma conquista revolucionária. Em alguns casos, tal vocábulo também pode servir ao propósito de apagar um passado pré-existente ou diminuir feitos grandiosos, como por exemplo, utilizar a expressão “descobrimento do Brasil” para anular o que já existia antes do processo bárbaro da colonização, ou usar o termo descobrimento para a referenciação de acontecimentos marcantes que somente foram devidamente valorizados e reconhecidos após uma “descoberta” eurocêntrica; seja um artefato, uma tecnologia, um movimento artístico ou até mesmo uma ciência.

Dentro do contexto da sexualidade, a palavra “descoberta” geralmente se refere ao momento ou ao processo de identificação e aceitação de si, processo que muitas vezes é descredibilizado, invalidado ou até apontado como uma “escolha” consciente do indivíduo devido ao uso do termo “descobrir”.

No poema em questão, a autora se vale desse termo para trazer uma reflexão válida: descobrir não é sobre a criação de algo novo e até mesmo repentino, mas sobre o ato de trazer

à tona algo que já estava ali, que sempre esteve ali “desde antes”. É retirar o pano, no momento certo e na hora certa, de algo que já estava presente; a atração, o amor, o fervor por outra garota, estavam ali. Não foi influência do meio, não foi uma decisão da moda atual, não foi uma decepção amorosa ou a ausência de algo ou alguém, esse algo estava ali, esperando o momento para se libertar, visto que, devido às configurações da sociedade heteronormativa na qual estamos inseridos, é necessário um momento “correto” para se livrar das amarras impostas e enfrentar as dores e responsabilidades de pertencer a uma sexualidade dissidente.

Tal pensamento de que existe um recorte temporal aceitável para *entender* e *ser* quem se é, bem como as justificativas preconceituosas que buscam explicar essa atração intrínseca entre mulheres, provêm de uma série de fenômenos sociais, culturais e principalmente históricos que circundam as orientações sexuais desviantes, sobretudo a feminina, por ser duplamente transgressora. Diante dessa lógica, é correto - e necessário - afirmar que esses fenômenos de manutenção e imposição podem ser atribuídos a um tronco comum: a heterossexualidade compulsória, um dos braços mais poderosos e atuantes do patriarcado na opressão e controle das mulheres na sociedade, principalmente aquelas que fogem à imposição de um padrão sexual. Conforme apresentado pela poeta, ensaísta e professora Adrienne Rich em seu ensaio *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (2010), a heterossexualidade compulsória não é simplesmente uma orientação ou um sentimento inibidor da “descoberta” (Rich, 2010, p.40), mas sim uma instituição política e cultural que, por meio de múltiplas ferramentas de controle e poder, impõe, encaminha e obriga mulheres a se manterem aprisionadas num sistema heterocêntrico, no qual o homem e a relação com/para ele é o centro, a natureza, a direção correta e a única opção. Uma lógica norteadora não somente dos corpos das mulheres, mas também de sua consciência, funcionando quase como um selo determinista desde o momento do nascimento. Um padrão violento e opressor que se manifesta em todas as esferas da existência.

Aproveitando-me da explicitação deste conceito e dando continuidade à análise do poema, é frutífero discutir sobre a metáfora do “pano que cobre a parte das meninas que querem meninas”, pois esse pano pode representar de maneira assertiva a imposição da sexualidade padrão, tal qual uma venda que nos condena a enxergar somente em uma direção e negar tudo aquilo que vem de dentro, por ser desviante. Este pano, que pode servir como uma alegoria à heterossexualidade compulsória, é costurado pela “época”, representada no poema como uma “senhora envergada”. O que podemos interpretar a partir dessa figura é que esse padrão imposto vem sendo construído e mantido pelo conservadorismo presente na sociedade por meio da manutenção de estruturas misóginas e heteronormativas. Meninas que

querem meninas existem desde sempre; escondidas, silenciadas, abusadas e assassinadas pela “época” em que viveram, lutando para rasgar o pano e vencer a “senhora envergada”. Rich (2010, p.36) também debate em seu ensaio sobre tais questões referentes ao apagamento da existência lésbica ou a aniquilação de qualquer resquício que possa se referir à relação amorosa entre mulheres. Segundo a autora, devido às ações da heterossexualidade compulsória, a existência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou é simplesmente apresentada como invisível (Rich, 2010, p.21). Isso ocorre porque livros, documentos, artes de qualquer natureza ou a simples ideia da presença desse “desvio” foram quase que erradicados da história, seja pela religião, pela ciência ou pela cultura, deixando um sentimento amargo e confuso de ausência, como se essas vivências nunca tivessem existido. Tal movimento evidencia que uma das principais formas de conter e oprimir algo que ameace o padrão estabelecido é justamente restringir seu acesso, queimar suas pistas, sufocar seus ímpetos e condenar ao esquecimento, ao vazio, dificultando o resgate de elementos que possam inflamar novos questionamentos, fomentar novos debates e principalmente, trazer à tona existências que supostamente não deveriam estar ali, marcadas no espaço e no tempo. Desse modo, por mais que a época e seus aparelhos ideológicos tenham tentado de todas as formas apagar a trajetória de mulheres não heterossexuais, elas sempre estiveram presentes e em combate perante a “Senhora Envergada”, da maneira mais sutil até a mais evidente. Sua existência, portanto, é naturalmente uma resistência, simplesmente por ser considerada desviante, odiosa e firme diante da invisibilidade imposta.

No entanto, por mais admirável que seja o ato de resistir para existir, ele promove uma denúncia acerca de como as estruturas de dominação se reconfiguram constantemente. Isso quer dizer que por mais que o tempo mude, por mais que se consigam vitórias significativas e avanços consideráveis em relação a legitimação das vivências de mulheres *queer*, resquícios poderosos e muito significativo dessas estruturas permanecem e tendem a se manter firmes, tentando a todo custo silenciar autoras, dificultando a venda e o acesso a livros com temática lésbicas; representações midiáticas continuam sendo escassas, apresentando apenas migalhas dessas vivências; trabalhos acadêmicos e estudos direcionados a esse objeto ainda têm sua validade questionada e os direitos básicos conquistados estão sempre na mira de governos conservadores. “Senhoras Envergadas” produzem proles que se tornarão novas senhoras, tornando a época e suas amarras uma justificativa coerente para perpetuar preconceitos que marginalizam tudo aquilo que se desvia da norma imposta. “[...] a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado” (Rich, 2010, p.19).

Nos versos seguintes, Baeta volta a brincar com o verbo “descobrir”, utilizando-o em diferentes contextos para criar novos efeitos de sentido. Ao escrever “Me descubro toda vez que ela se descobre/toda vez que ela me descobre” a interpretação pode apontar para um viés da aceitação, isto é, me aceito como sou quando ela também se aceita me aceitando, dando ao ato de “descobrir” o efeito que estávamos debatendo anteriormente. Outra percepção que este “descobrir” ganha é a de se despir. Nesse caso, o “pano” não seria o da época, mas o do vestido da menina, ou de qualquer outra roupa que a esteja cobrindo. Quando ela se despe, desperta na outra o desejo, o dito querer, que a faz se descobrir também, se aceitar como menina que quer outra menina. Duas garotas se descobrindo e descobrindo uma à outra para descobrirem juntas aquilo que sempre esteve presente nelas. É uma cadeia de causa e efeito, um ciclo que leva de um descobrimento ao outro.

Por fim, essa sequência de revelações causa na sujeita da poesia outro *descobrimento*, apresentado dessa vez como o entendimento de que outras meninas que querem meninas também existem e se comunicam com ela (e entre si) por meio da vivência do se descobrir. É o aclaramento de que quando meninas se descobrem, no sentido que for, seja no aceitar, no despir ou quando descobrem umas às outras no sentido de tomar consciência da existência alheia, ganhamos da época. Quando finalmente nos desfazemos deste “pano” que nos cobre, quando finalmente nos desvencilharmos dos entraves da heterossexualidade compulsória, nos aceitando e reconhecendo que existem outras de nós, ganhamos força para vencer a “Senhora Envergada”, para romper com tais estruturas e *ser*. Finalmente *ser*. Um descobrir que jamais deixará espaço para voltar a ser encoberto.

Esse poema carrega em si a força que fará com que meninas, mulheres, idosas, as recém “descobertas” ou as que se descobriram há tanto tempo, reconheçam e validem seu processo, entendam que não há nada de errado com o que sentem, com o que são, e que diferente do que geralmente impõem, a palavra “descobrir” pode ter sim um significado positivo. Um significado para se orgulhar.

Outro poema que me interessa como objeto de análise para construção do contínuo de vivências é “Você sabe do que eu estou falando”, o qual trata, por meio de uma linguagem simples, de uma experiência visceral e, infelizmente, muito comum às mulheres lésbicas. Essa vivência diz respeito à negação de si mesma, dos desejos e da idéia de ser e de pertencer à comunidade *queer*. Tal movimento de não aceitação geralmente ocorre antes do processo de descoberta, mas, devido às imposições heteronormativas da sociedade padrão, também pode acontecer depois da “retirada do pano”, numa tentativa cruel de mentir para si, se encaixar, ser aceita por amigos e familiares ou até mesmo para se manter segura, seja na

esfera física ou mental. A heterossexualidade - ou a tentativa dela - apresenta uma falsa sensação de segurança para quem se desvia da sua rota de opressão, devido às configurações sociais da “Senhora Envergada”. Segundo as discussões propostas por Rich (2010, p.20), abrigar-se no semelhante é uma forma passiva e debilitante de responder às pressões sociais impostas pela heterossexualidade compulsória, mas infelizmente é uma das estratégias de sobrevivência tanto política quanto econômica numa sociedade na qual o conformismo dita as regras. Nesse sentido, mulheres não heterossexuais tendem a se forçar na lógica padrão, apagando a si e as outras em prol de uma falsa integração. Aquelas que já retiraram o pano acabam se cobrindo novamente porque é mais aceitável e seguro; enquanto aquelas para as quais a consciência do seu verdadeiro ser ainda não se fez presente seguem na direção que lhes foi apresentada como única. Apresentada essa breve reflexão sobre a problemática, vamos ao poema. Os versos dizem o seguinte:

Tentando enganar a mim mesma
Disse várias vezes em voz alta
Tudo o que eu gostava em tantos meninos
Pra eu mesma ouvir
E tomar como verdade
Tudo o que se sacudia dentro dos meus vestidos era falso
Eu gostei mesmo
De muitos meninos
Mas ferver é outra coisa
Alguns atores me confundiram muito
No meio desse caminho
Mas no fundo
Estava lá
Sempre estive
Demorou, mas eu entendi
Poderia estar fingindo até hoje
Sei que muitas ainda estão
Posando em fotos ao lado de seus namorados
Dizendo em voz alta tudo o que gostam neles
Pra ver se elas mesmas se escutam
E acreditam
Eu sinto muito por isso
Cada uma leva seu tempo
Uma senhora pode estar se envergando agora
Do lado de seus Leonardo
E entendendo tudo com oitenta anos
Nunca é tarde demais
Um dia nós simplesmente nos damos conta
Enquanto controlamos com cuidado
A temperatura da água do chá
Que ferver é outra coisa (BAETA, 2019, p. 20)

Um desabafo que se torna uma conversa. Um acolhimento que conforta, mas que também cutuca incisivamente os lugares que ninguém quer explorar ou admitir a existência. Nesse poema, a autora faz questão de relatar pequenas experiências presentes na trajetória de mulheres que se relacionam com mulheres, sobretudo as lésbicas, sobre as quais o peso da heterossexualidade compulsória parece cair com mais força. Namorar um garoto, fingir gostar de outro, ficar confusa com atores e cantores da moda é um movimento comum, visto que desde o momento em que nascemos, somos jogadas num mundo heterossexual no qual tudo nos empurra para essa lógica; os filmes, os livros, os desenhos animados, as músicas, as relações sociais, os círculos de convivência, tudo aquilo que nos cerca nos molda dentro de um modelo cisheteronormativo. Mais uma vez, podemos nos valer das discussões de Rich (2010) para vermos que a mídia é uma das armas mais poderosas da heterossexualidade compulsória na manutenção da consciência das mulheres e das estruturas violentas de opressão.

A ideologia do romance heterossexual, irradiada na jovem desde sua mais tenra infância por meio dos contos de fada, da televisão, do cinema, da propaganda, das canções populares e da pompa dos casamentos, é um instrumento já pronto nas mãos do proxeneta, que não hesita mesmo em usá-lo... (Rich, 2010, p.31)

Como bem apontado por Rich (2010), tanto as representações midiáticas quanto a instituição casamento são instrumentos garantidos para moldar as visões e os comportamentos das mulheres, anulando opções outras e funcionando como uma espécie de lavagem cerebral, uma injeção direta no cérebro com efeitos poderosos de submissão. Antes mesmo de aprenderem sobre o conceito de amor, coragem ou dinâmicas de relacionamentos, meninas são convencidas de que são princesas indefesas e delicadas à espera do seu príncipe encantado, do casamento perfeito e da vida feliz que consiste em cuidar do marido e de incontáveis bebês.

Para refletir sobre a origem dos elementos que fundamentam essa lógica não é necessário consultar filmes infantis das princesas da Disney ou ir tão longe, basta olhar para a trajetória da própria Literatura Brasileira e observar os efeitos perpetuados pelo Romantismo no imaginário social, sobretudo a segunda geração, intitulada, não por acaso, de Ultrarromântica. Inspirada pelas novelas medievais de cavalaria, idealizou as mulheres como donzelas, assim como instaurou o homem boêmio como mocinho e o casamento como único dever e natureza da mulher, que deveria ser branca, submissa, virgem e angelical. As novelas

televisivas contemporâneas, bebendo dessas construções da literatura romântica, construíram fórmulas de ser, agir e pensar tão incisivas e aparentemente inocentes que sem a devida reflexão, parecem somente as ingênuas narrativas amorosas de sempre, no entanto, elas ganham o título de únicas, reais e principalmente legítimas, sendo incutidas na sociedade e no pensamento dos indivíduos como um modelo a ser seguido e reproduzido incansavelmente, sem espaço para desvios. Nesse sentido, conforme pontuado por Pimentel e Antunes no artigo *O lesboerotismo na literatura brasileira: Notas sobre um percurso contra (H)estórico*, "O próprio conceito de amor romântico é indício do sistema de ideias que impõe limites e determina funções específicas à mulher no emaranhado das relações sociais e de gênero" (Pimentel, Antunes, 2020, p. 318-9).

Mas eis então o questionamento: se esse caminho amoroso se mostra como opção única e verdadeira, o que acontece com as mulheres que não são princesas ou donzelas indefesas? O que resta para aquelas que não veem o príncipe ou mocinho boêmio com o olhar apaixonado descrito nas mídias? E se o desejo pelo beijo salvador for de uma mulher para outra? A essas mulheres, as consideradas desviantes, resta a sensação de deslocamento entre as primas e amigas, a constatação errônea, mas dolorosa e presente de que existe algum problema nelas, algo que pode ser consertado pelo desejo forçado por um garoto, pela aceitação da instituição do casamento ou pelo tempo. Todas essas sensações são chagas na trajetória daquelas para quem a sexualidade não corresponde ao padrão. Como já dito anteriormente, a homossexualidade, engendrada pela misoginia e pela heteronormatividade, oferece uma falsa segurança porque ataca tudo aquilo que não corresponde a ela, marginalizando, apagando e invalidando.

De acordo com o poema em análise, esse ciclo de não aceitação e fuga é quebrado quando se entende que "Ferver" possui outros significados, isto é, o sentimento que uma mulher sente por outra é diferente daquilo que é imposto e daquilo que ela se forçava a sentir, um sentimento completamente distante daquele que era fingido e performado e que, por mais confuso que possa parecer ao primeiro contato, é possível de ser identificado e diferenciado; algo que o indivíduo, no fundo, sabe. A metáfora faz uma alusão à água, pois apesar do estado ser o mesmo – líquido – ferver é algo muito diferente daquilo que era no início; Ferver é inconfundível. Além disso, os versos também demonstram empatia, coleguismo e conforto ao evidenciar que esse processo de aceitação é diferente para cada uma, levando tempos distintos para que ocorra, fazendo conexão com as discussões do poema "Descoberta", nas quais debatemos acerca dessa questão do tempo para aceitação e tomada de consciência. Este ato de romper com a lógica é gradativo e por vezes lento, levando a vida toda, como o

exemplo da senhora casada com um homem, seu Leonardo, que levou oitenta anos para entender esse “fervor”. A história da idosa casada que se descobre “tardamente” evidencia o ponto das questões anteriormente discutidas, pois mostra um caso comum na vida daquelas que ou quiseram se abrigar na sofrida semelhança conformista ou, devido à manipulação constante da heterossexualidade compulsória, não conseguiram perceber seu verdadeiro ser mais cedo.

A sociedade, ao lançar seu olhar sobre a vida de personalidades famosas (dado que por vezes se recusa a analisar o cotidiano das pessoas comuns), já se deparou com inúmeras histórias de mulheres mais velhas que, depois de muitos anos de casadas com homens, vivenciaram o processo de descoberta e se entenderam enquanto lésbicas ou bissexuais, assumindo relacionamentos com outras iguais. A caráter de exemplo, pode-se apontar o caso da emblemática cantora da Música Popular Brasileira, Daniela Mercury, que em 2013 se casou com a jornalista Malu Verçosa, após ter sido anteriormente casada com homens, o que gerou uma série de discussões acerca de sua sexualidade e a validade desta. A divisão entre comentários positivos que apoiavam e negativos que invalidavam e menosprezavam essas vivências, alegando “desperdício” do verdadeiro matrimônio, evidencia como a instituição do casamento heteronormativo é uma prisão violenta e um instrumento opressor da existência e do relacionamentos de mulheres *queer*, pois conforme apontado por Rich (2010, p.26) " as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios”.

Em suma, “Você sabe do que eu estou falando” é um desabafo, uma conversa sincera, um abraço e um incentivo que, por meio das palavras, acolhe meninas e suas dúvidas, suas dores e seus temores, talvez de um modo que ninguém tenha feito antes. É também um objeto de análise muito rico para reflexão e discussão de problemáticas relacionadas, oferecendo muito além do que a simplicidade de seus versos aparenta ofertar. Por meio desses versos é possível estabelecer uma conexão entre quem escreve e quem lê, não de forma física, mas sentimental, por meio da descrição e validação de experiências semelhantes. Gloria Anzaldúa, intelectual chicana da teoria feminista e *queer*, pontua que “A similaridade é um componente forte na relação escritor - escrito e leitor” (Anzaldúa, 2021, p.137-8), ou seja, a partir da escrita de vivências comuns, o autor não somente se expressa, mas cria uma conexão com o leitor sensível que se enxerga naquelas experiências, numa espécie de identificação que torna o escrito algo vivo, profundo e indispensável. Assim sendo, este é um poema que,

na tentativa de se colocar para fora, é capaz de tocar muitas meninas por dentro, acalmando mentes confusas, confortando corações inquietos e promovendo questionamentos válidos.

Com o título “Orgulho”, o seguinte poema trata essencialmente do significado que este substantivo tem para mulheres que amam mulheres, sobretudo lésbicas. Diferentemente dos anteriores, o cerne desse texto é justamente o contrário do medo, da vergonha, da dúvida e da negação. Numa espécie de fechamento de ciclo, ele representa a parte emancipada do processo referente à sexualidade, o momento áureo no qual as amarras da heterossexualidade compulsória se rompem e a mulher *queer* aceita seu lugar como entidade duplamente transgressora na sociedade conformista.

*Como poderia eu,
uma menina
Segurar publicamente
a mão de outra menina
e sentir qualquer outra coisa
que não seja orgulho?
quanta coragem
é necessária
para ser mulher
e amar outras mulheres?
não como se ama uma amiga
ou uma mãe
eu estou falando sobre afeto
estou falando sobre fúria
estou mandando um brinde aos beijos
que não damos escondidos
estão todos contra nós
ouvirão falar de nós
como poderia eu,
lésbica,
sentir qualquer outra coisa que não orgulho? (BAETA, 2019, p. 39)*

Esse poema é poderoso e incisivo, praticamente um manifesto voltado ao empoderamento daquelas que foram - e ainda são - tão marginalizadas e silenciadas. Se seus antecessores nos convidaram a chorar e refletir sobre as dores e desafios da descoberta e da autoaceitação, esse poema soma ambas as perspectivas e as transforma numa síntese libertadora, nos inspirando a bater no peito e repetir os versos em voz alta, com a boca cheia de orgulho.

Tal sensação é despertada porque a autora coloca em evidência gestos interditados e que geralmente são atrelados a medo ou vergonha – como uma menina segurar a mão de sua amada publicamente – como atos para se orgulhar. Ela desloca tal atitude para dar o verdadeiro significado que ela merece diante do mundo, visto que é parte do senso comum de

pessoas *queers* evitarem qualquer gesto que possa denunciá-las, seja por uma questão de segurança ou até mesmo por repressão internalizada. Assim, o ato de uma mulher segurar a mão de outra, num movimento de amor tão representativo, ganha no poema a dimensão da legitimação, do orgulho. O questionamento “como eu poderia sentir outra coisa que não orgulho?” retira este ato do espaço do receio e do rechaço para colocá-lo num lugar de naturalização.

Nos próximos versos, a ênfase é dada à coragem de ser uma mulher e amar outra – não como uma mãe ou uma amiga – mas dentro da dimensão do amor romântico e sexual. A indagação de quanta coragem é necessária para tal feito, provém de uma série de fatores perpetuados pela heterossexualidade compulsória que, como vimos no proposto por Rich (2010), é um sistema opressivo e violento que aplica suas restrições em diferentes esferas da vida da mulher *queer*. A caráter de exemplo podemos citar o contexto empregatício, no qual essas mulheres vivem sobre a constante sombra do desemprego, da perda dos meios de se manter numa sociedade capitalista porque não performam a subserviência que se espera da figura feminina, constantemente assediada e escravizada pelos desejos de seu patrão, o homem com instintos naturais ao qual ela deveria servir conforme manda seu papel no patriarcado. Na esfera social, enfrentam os mais diversos tipos de violência - desde a física até a simbólica - estando na mira das agressões verbais, do estupro corretivo, da exclusão familiar, da solidão em si mesma, da maternidade negada, dos estigmas que as marcam e as isolam nos mais diferentes cenários, da morte iminente por simplesmente segurar as mãos. As restrições impostas pela heterossexualidade compulsória servem à lógica dos papéis e das posições de gênero estabelecidos socialmente. A mulher, sendo uma minoria histórica e culturalmente oprimida e submissa à figura do homem, ganha o título de duplamente subversiva e desviante ao relacionar-se com outra, redirecionando o afeto e o desejo que seriam “naturalmente” destinados ao macho. Ao excluírem o principal símbolo do patriarcado, o “Adão”, o “primeiro ser”, elas cometem o maior dos pecados contra o Estado, a religião e a cultura heterocêntrica da sociedade padrão. Isso porque, conforme exposto por Pimentel e Antunes (2020), a transgressão de qualquer estereótipo atribuído ao feminino ou de qualquer função dada à mulher pelo patriarcado (como a negação da maternidade, feminilidade ou casamento) já é o suficiente para que ela perca sua legitimidade social; no entanto, a transgressão do amor romântico é ainda maior, mais visceral e mais grave, pois nesse caso a mulher tem sua validade completamente banida.

Desse modo, é necessária muita coragem para ser uma mulher que ama mulheres, porque não se trata somente de assumir um relacionamento romântico ou um desejo físico,

mas de combater ativamente um sistema opressor e suas violências constantes; é sobre romper estruturas e tomar consciência do seu poder transformador. É algo que precisa sim ser valorizado e motivador de orgulho, pois traz consigo consequências pesadas demais para se relegar ao esquecimento, à ordinariedade e ao apagamento.

Ao falar que “é sobre afeto”, mas também “sobre fúria”, esta última palavra ganha um duplo sentido: pode tanto funcionar como referência a um afeto avassalador entre mulheres, isto é, descrevê-lo como um sentimento furioso, ou pode dar ainda mais credibilidade ao que falamos sobre a coragem necessária para amar mulheres e enfrentar os desafios concernentes a tal sentimento, pois essa fúria é justamente o ímpeto que move o afeto de um local passivo para um espaço de luta e resistência, revelando-o a quem queira ver – e a quem não queira também.

Nos versos seguintes, a autora brinda aos beijos que não foram trocados às escondidas, mesmo tendo plena noção de quem está contra esses beijos. Essa comemoração revela outro movimento contrário ao esperado pelos ditames da sociedade padrão, pois ao invés de beijar às escondidas, o carinho é explícito, mesmo diante dos contrários a isso. Existe a noção de que há indivíduos, uma sociedade, todo um sistema contra “nós”, mas que assim seja, pois como bem vimos, onde há opressão, também há resistência. O importante é que ouçam falar desse amor, dessa troca, desses gestos, porque não há para esconder. Nada para se envergonhar. Nada de sujo, como tentam impor. “Ouvirão falar de nós”, porque mesmo diante das tantas e diversas tentativas de apagamento ao longo da história, as vivências de mulheres que amam mulheres tendem a se manifestar de alguma forma, tendem a ecoar em algum lugar.

A conclusão do poema por sua vez não silencia o brado, sequer o diminui, mas oferece ainda mais intensidade a ele. Ao isolar a palavra “lésbica” no meio de versos tão representativos e em seguida escrever que sendo quem é não poderia sentir nada além de orgulho, a autora cumpre o que o título oferece, dando devido destaque a quem é que deve sentir esse sentimento. Anzaldúa, mulher de cor, lésbica, chicana e operária, pontua que “Pessoas de gênero, sexualidade, classe ou raça desviante crescem nutrindo ódio por si mesmas devido à sociedade hegemônica, aprender a se amar faz parte do processo, é necessário e é uma forma de resistência” (Anzaldúa, 2021, p.73). Eis então a importância do orgulho.

Em síntese, o poema é, sobretudo, um manifesto de empoderamento lésbico. É sobre cortar receios, aniquilar vergonhas e se impor diante dos medos e dos rótulos que a sociedade insiste em cuspir sobre nós. Frases de depreciação, repressão e opressão que muitas meninas

e/ou mulheres crescem ouvindo por serem quem são, perdem um pouco de força quando estas tomam conhecimento de discursos de poder como o do poema, pois eles apresentam um outro lado da moeda, uma outra versão. Arrisco dizer também que ocorre algo semelhante ao que foi dito sobre descoberta de outras, pois a tomada de consciência de que não se está sozinha e que existem vozes e gritos que te dizem para se orgulhar de quem se é fortalecem sua percepção de si e dos movimentos dissidentes que reivindicam o direito de existir.

Creio ser pertinente ressaltar, ainda, que a palavra orgulho, assim como o poema, talvez não representem nada demais para aqueles que, por estarem dentro do padrão heterossexual, desconhecem a escuridão de estar à margem e se sentir deslocado do mundo. É comum, portanto, que o discurso condenatório às Paradas LGBTQIAPN+ e às datas comemorativas que celebram o orgulho *Queer* esteja carregado de questionamentos, como “Por que ter orgulho disso?”, “É só uma característica, querem chamar atenção por quê?”, evidenciando que a desconexão dessas pessoas com a difícil realidade de apagamento vivenciada por mulheres não heterossexuais impedirá uma leitura satisfatória do poema. Na abertura do livro que serve como *corpus* desse trabalho, Elayne Baeta destaca que: “Você não precisa ser lésbica para entender quando eu falo sobre amor ou sobre dor. você só precisa amar, você só precisa doer” (Baeta, 2021, p.8). No entanto, Anzaldúa (2021) pontua que não basta somente uma escrita que representativa das experiências, mas também um movimento por parte dos leitores que precisam ser dotados de uma espécie de “sensibilidade queer” para que o processo de sentidos se estabeleça devidamente.

O poema "Ideais" segue uma linha de pensamento semelhante a de "Orgulho", no entanto, traz a discussão para um viés mais crítico. Como o próprio título propõe, a temática diz respeito àquele conjunto de princípios norteadores de um indivíduo na sociedade, princípios estes que podem estar atrelados a uma perspectiva conservadora ou a um pensamento contra hegemônico. Como bem visto na análise dos poemas anteriores, existir enquanto sujeita de sexualidade dissidente é intrinsecamente um posicionamento de combate perante as estruturas normativas, mesmo que inconscientemente ou na ausência de ligação com movimentos sociais. Os versos do poema proclamam o seguinte:

eu beijo garotas por orgulho,
eu beijo garotas por política,
eu beijo garotas por
necessidade de
sobrevivência

você,

menina,
eu beijo por sua própria causa. (BAETA, 2019, p. 99)

O ato de beijar garotas agora não simboliza somente Orgulho (e suas demais implicações), mas também uma clara representação política. No entanto, algumas meninas e/ou mulheres de sexualidades tidas como desviantes muitas vezes não fazem o movimento de compreender que sua existência é sobretudo política, visto que como analisamos, isso vai de encontro com normas e ideologias conservadoras e pode trazer consequências violentas. Após a leitura desses versos, uma leitora, talvez por inocência ou ignorância, se questionaria: “O que beijar garotas tem a ver com política?” sem imaginar que ambas as coisas estão tão profundamente emaranhadas que é impossível desvinculá-las. O sistema capitalista é fundamentado e mantido pelos efeitos da colonização, pelos ditames do patriarcado e pelos dogmas da religião, principalmente a cristã. E assim sendo, busca controlar mulheres e seus corpos, seus desejos, a direção de seu afeto e suas escolhas, sejam elas conscientes ou não. Rich, em *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (2010), faz suas próprias considerações sobre cada um desses meios de controle. Uma dessas reflexões é justamente como a repressão e a negação da sexualidade das mulheres é uma arma consideravelmente efetiva de governos conservadores, pois quando uma nova onda de conservadorismo se ergue, as primeiras vítimas dessa caçada são os direitos obtidos pelas mulheres, sobretudo os das mulheres não heterossexuais. Segundo a autora, “as mensagens da Nova Direita dirigidas às mulheres têm sido, precisamente, as de que nós somos parte da propriedade emocional e sexual dos homens [...]” (Rich, 2010, p.19), embora escrito há quinze anos e no contexto estadunidense, essas mensagens promovidas por movimentos de extrema Direita continuam agindo na realidade atual. Enquanto desenvolvo este trabalho, existem Projetos de Lei atentando contra o casamento LGBT, contra a adoção por casais homossexuais e contra a criminalização da homofobia. Notícias constantes sobre assassinatos de lésbicas simplesmente por serem quem são permeiam nossa realidade, mas não o suficiente para chocar a mídia ou as autoridades, enquanto movimentos de luta queer clamam pela tipificação desses crimes como lesbocídio. Embora a discriminação pautada na sexualidade e na identidade gênero tenham sido criminalizadas, não possuem nem uma lei própria, sendo enquadradas na Lei nº 7.716/1989 e equiparadas ao crime de racismo. Tais fatos, tão dolorosos e reais, evidenciam como a existência lésbica está diretamente conectada com a política, visto que necessitamos estar em constante alerta para quem nos governa e para quem precisamos eleger na intenção de conseguir manter o mínimo de direitos básicos e ter voz na sociedade.

Neste sentido, o ato de beijar garotas não está relacionado somente a uma “fase de rebeldia” contra uma família conservadora, mas sim a um gesto combativo de resistência a todo um sistema. Existe uma lógica, um ideal social que não inclui beijar garotas, que não inclui apagar a figura masculina ou não fazê-la de centro de seus anseios. Ao utilizar tal símbolo e tomá-lo como um de seus ideais, isto é, sua bússola moral, a autora convida a uma subversão da norma, a uma tomada de senso crítico e posicionamento que muitas meninas/mulheres não tiveram acesso ou ainda estão conhecendo. A adolescência é um período frutífero para a construção de um pensamento, compreender que os desejos concernentes a mulheres que querem mulheres são uma manifestação contrária à lógica vigente e que expressam um posicionamento é de suma importância para a construção de uma perspectiva crítica, bem como para a manifestação e manutenção constante dessas lutas.

Nos versos seguintes, Baeta também aponta que beijar garotas “é uma necessidade de sobrevivência”, isto é, tal ato é uma necessidade de permanência. Não é somente sobreviver no sentido de não ser aniquilada pela lógica heteronormativa, mas sobreviver no sentido de continuar existindo e estendendo sua existência para as demais. Inspirando e conscientizando da responsabilidade de ser no mundo. É de suma importância destacar ainda que nem a autora com seu poema e tampouco eu com minha análise estamos afirmando que pertencer a uma sexualidade dissidente significa se filiar a um determinado partido político ou erguer a bandeira de candidato X ou Y, mas sim tomar conhecimento de que sua existência é uma manifestação marginalizada, oprimida, hostilizada, silenciada e violada por estruturas hegemônicas geralmente fortalecidas pelos ideais da extrema Direita e que se faz necessário compreender e se posicionar diante de tais fenômenos para preservar a sua própria existência e a de indivíduo semelhantes. De acordo com as palavras da pensadora chicana Anzaldúa (2021, p.100), as alianças são construídas entre pessoas cujas vagas e inconscientemente raivas, esperanças, culpas e medos crescem de experiências diretas com aquilo que as oprime, dessa maneira, reconhecer a si mesma e se posicionar acerca dessas opressões, contribui para a construção de alianças que fortalecerão a luta pela sobrevivência individual e conjunta.

Na parte final do poema, a autora se vale novamente dos jogos de sentido oferecidos pelas palavras, utilizando vocábulo “Causa” para criar um efeito ambíguo que mescla flerte com consciência crítica. Isto porque ao dizer “menina, eu beijo por sua própria causa”, ela encontra uma forma de falar que beija garotas por todos os motivos anteriormente citados e debatidos, mas também beija uma menina pela simples razão dessa menina ser quem é. Para contextualizar o porquê da ambiguidade, Elayne Baeta é de origem baiana. Na região do nordeste é muito comum que se diga que algo aconteceu “por sua causa” na tentativa de

responsabilizar alguém por algo ocorrido. No entanto, levando em consideração o contexto do poema, a palavra “causa” não ganha somente o efeito de apontar a responsabilidade por alguma coisa, mas também recebe o sentido de ser algo pelo qual se luta. Quando um indivíduo se diz a favor de uma causa, militante de uma causa e entre outros sinônimos, ele está tentando dizer que existe algo, geralmente coletivo, que precisa de apoio, intervenção ou um olhar mais atento e crítico. Nesse sentido, a sujeita beija a garota pela causa LGBT, que é a causa da menina, mas também a sua própria e de tantas outras de sexualidades e/ou expressões de gêneros dissidentes; beija a menina por ser quem ela é, isto é, por suas características físicas ou pessoais e beija a menina por “culpa” dela mesma devido as sensações que essa menina provoca na sujeita do poema.

Por fim, este curto, mas poderoso poema carrega em si significados e reflexões pertinentes, visto que convida à formação de um senso crítico e à tomada de consciência de causa que muitas vezes pode passar despercebida ou ser ignorada por quem experiencia vivências marginalizadas. Nesse sentido, a obra evidencia mais uma vez sua importância como significativa porta de entrada para aquelas que estão iniciando sua trajetória de autoaceitação ou para aquelas que já a percorreram, mas nunca pararam para refletir sobre ou tiveram a oportunidade de compreender seu lugar no mundo, visto que uma das formas de controle e apagamento dessas existências é justamente impedir que elas reflitam criticamente acerca de suas posições e suas potencialidades de luta, bem como restringir a conexão entre as oprimidas a fim de evitar a revoluções.

O texto “*Zantedeschia aethiopica*” tem como título o nome científico da flor popularmente conhecida por “Lírio do Vale” ou “Copo- de- leite”. As flores são símbolos muito presentes na poética de Elayne Baeta e ganham diferentes significados, seja por meio de metáforas ou por meio de analogias mais diretas. No Poema em questão, o foco não será exatamente a planta e sim como os diferentes olhares sobre ela revelam como nossa forma de enxergar o mundo não pode ser desvinculada de quem somos. Nesse sentido, a discussão será acerca de como percebemos a realidade pelas lentes das nossas experiências, nossas construções identitárias e tudo aquilo que nos compõem enquanto sujeitos.

Toda vez que eu falar sobre o amor, a dor ou qualquer outra coisa, tudo o que eu disser voará de dentro da minha perspectiva de mulher que gosta de mulheres. Todo mundo olhará para a mesma flor. Alguém vai falar que é cheirosa, alguém vai falar que é bonita, uma criança vai cantar “bem me quer, mal me quer”, um homem vai pedir o preço pra se redimir com a amante, um cientista vai afirmar que ela é promissora para um medicamento, uma senhora vai contar a receita de um chá, um

pesquisador vai nos revelar a espécie, eu vou levantar minha mão pra dizer que é a favorita da Bianca. (Baeta, 2019, p. 79)

Gloria Anzaldúa, em um dos ensaios do seu livro *Vulva: uma ferida aberta* (2021), afirma que uma “pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue, seu posicionamento e ponto de vista particulares.” (Anzaldúa, 2021, p.144). Nesse sentido, ao iniciar o poema deixando explícito que tudo que for dito, sobre o assunto que for, voará de sua perspectiva enquanto mulher lésbica, Baeta corrobora com a afirmação de Anzaldúa e convida a uma reflexão sobre construção identidade, de visão de mundo e posicionamento dos sujeitos. A partir de que orbes você enxergará as coisas ao seu redor?

Todos os exemplos utilizados no poema servem para evidenciar e confirmar a tese de que, embora o referente seja o mesmo, as percepções dos indivíduos acerca dele serão diferentes. A autora utiliza elementos diversos para fazer tais recortes, como idade, gênero e até mesmo profissão, pois essas características funcionam como filtros e contribuem para realização de análises distintas de um mesmo objeto. É claro que os atributos citados não esgotam as diversas lentes sociais, alguns deles, por vezes, se interseccionam e são capazes de alocar indivíduos em lugares diferentes, filtrando ainda mais sua visão de mundo. Esses vários cruzamentos entre particularidades e posicionamentos contribuem para “montar” a identidade do indivíduo e, sendo essencialmente indissociáveis, não podem ser ignorados ao tratarmos dos diversos olhares acerca da realidade.

Para deixar mais claras tais proposições sobre a relação entre o ser e sua percepção de mundo, podemos citar a própria relação de mulheres que se atraem por mulheres; apesar de terem essa característica em comum, a vivência de uma mulher lésbica branca será diferente da vivência de uma lésbica negra, que também será diferente da vivência de uma mulher bissexual e assim sucessivamente. Anzaldúa é categórica ao pontuar essas distinções, e ressalta que não é porque amamos pessoas do mesmo sexo que somos iguais; para uma mulher preta, o sexismo e a homofobia não serão as únicas formas de opressão, bem como se essa mulher além de negra e lésbica pertencer a classe operária ou alguma outra categoria marginalizada. Uma mulher bissexual também se atrai por mulheres, mas ainda irá possuir a chance de se “abrigar no semelhante”, se assim o desejar. Uma mulher lésbica dentro da performance de feminilidade sofrerá opressões diferentes daquela que também diferem da expressão de gênero padrão imposta as figuras do sexo feminino. Estes exemplos servem somente para destacar as vivências possíveis dentro de uma realidade macro e não para tentar segregar ou definir uma escala de sofrimento. Como a própria Anzaldúa pontua ainda debatendo sobre essas questões, "Nem todos nós vivemos as mesmas opressões, mas nós

temos empatia e nos identificamos com as opressões enfrentadas pelos outros" (2021, p.87). Reconhecer as distinções existentes ao invés de tentar uniformizar e unificar todas as vivências, é uma forma de enriquecer, valorizar e fortalecer nossa existência, pois, apesar de todas elas, ainda somos mulheres que querem mulheres e isso não pode ser tirado de nós, apenas pode ser somado às demais peças que compõem nosso ser.

O ponto é que, embora não se possa resumir ou generalizar um indivíduo a partir de sua sexualidade – ou qualquer outra característica –, também não se pode desvencilhar ou ignorar suas experiências. Ainda que seja negra, branca, chicana como a própria Anzaldúa, isso não apaga a parte que quer mulheres. Não se pode passar numa peneira e selecionar somente aquilo que lhe é interessante; se o debate for sobre feminismo, não é satisfatório falar somente sobre misoginia e esquecer a parte que também afeta as nuances da sexualidade e vice e versa. Em outro poema do livro, com o título de “Lésbica o tempo todo” (Baeta, 2019, p.43) a autora discute ainda mais acerca desse fato, exemplificando que tudo que ela faz em seu cotidiano, por mais simples que seja, é feito por uma mulher lésbica. Isso demonstra que podemos sim enxergar para além da sexualidade, mas não podemos ignorá-la, pois, sendo ela dissidente do conformismo esperado, terá grandes impactos na forma com que o indivíduo é visto, recebido e tratado. Não é um simples detalhe, é algo que pode ser definitivo dentro das configurações sociais e dentro de toda a vivência do ser. O cientista olha a flor de um jeito, a idosa de outro, mas caso essa idosa seja uma mulher lésbica que passou a vida inteira tendo que lutar contra essas estruturas opressivas, é claro que para ela o Lírio do Vale terá outro significado, outra representação. O marido que usa a flor para se redimir com a amante jamais saberá o perigo que uma jovem menina em processo de descoberta sente ao receber essa flor de sua colega de sala e ter que escondê-la da mãe. Como refletido por Anzaldúa “Identidade não é um monte de cubículozinhos abarrotados, especialmente com intelecto, raça, sexo, classe, profissão, gênero [...] identidade é um processo.” (2021, p. 133), processo esse que é tanto externo - como os outros enxergam - quanto interno - como você enxerga a si mesmo - e influencia diretamente na forma que percebemos, agimos e recebemos o mundo a nossa volta. Esperar que alguém viva e observe a realidade distante de onde seus pés estão fincados e seus olhos estão voltados, não é somente ingenuidade, como é também uma forma de violência e uma estratégia de apagamento do ser.

Por fim, o texto, diferentemente dos demais poemas, possui a sua estrutura escrita em prosa, o que evidencia uma espécie de sucessão de diferentes perspectivas que levam a uma constatação final: quem somos e o que vivemos, isto é, nosso processo de identidade, define como enxergamos a nós e ao mundo. Dessa maneira, o escrito contribui para que as

meninas/mulheres também possam ter consciência do que representa ser uma mulher que gosta de mulheres, pois além do motivo de orgulho e de ser um ato político (como discutido pelos poemas anteriores) é um fato que não pode ser isolado ou ignorado, nem pela própria e nem por aqueles que a cercam, que a estimam e, principalmente, por aqueles que tentaram atentar a qualquer custo contra a sua existência e a de suas semelhantes. “ A lésbica é parte da escritora, é parte de uma classe social, é parte de gênero, é parte de quaisquer identidades que alguém tem de si” (Anzaldúa, 2021, p.134).

O poema “Pervertida e suja” traz à baila uma temática quase proibida, ainda mais silenciada e cuspidada do que as anteriores. Se falar de descoberta, de orgulho e empoderamento já promove incômodos e torções de nariz, falar sobre desejo sexual é arrombar as portas tão bem guardadas e zeladas do castelo conservador da sociedade. Durante toda história da humanidade e também da literatura, o tesão das e entre mulheres foi silenciado e trancafiado a sete chaves, tratado como doença, um pecado, uma chaga que só a simples menção seria como uma espécie de atentado. Se o querer fervoroso e carnal de uma mulher, prometida a seu marido e de acordo com as estruturas patriarcais já revirava estômagos, o que se pode dizer então do desejo de uma mulher por outra mulher? Como bem vimos, o afeto de uma mulher pela outra e a transgressão dos moldes do amor romântico é considerado o maior dos pecados, capaz de deslegitimar a existência da mulher e bani-la dos campos da sociedade. O desejo sexual, portanto, é o nível transcendente, estando muito além do que se possa definir como subversivo. Conforme pontuado e refletido por Antunes e Pimentel (2020, p. 319) "Quando o desejo lesboerótico se manifesta e se concretiza, por não estar a serviço da procriação e da satisfação do desejo masculino, é por natureza, transgressor e inaceitável moral e socialmente".

Desse modo, com o título bem explicativo e incisivo de “Pervertida e suja”, o poema que nos propomos a analisar traz em seus versos, de forma que até pode se nomear debochada, os questionamentos, os desafios e as delícias provenientes do tesão de uma mulher por outra.

eles me gritam pervertida e suja
eu tiro a blusa e dou risada.
assisto às meninas de saia
com seus cabelos de medusa,
minha boca enche de água
e um desejo inquietante me abusa.
se tivesse nascido homem
era do instinto, era natural.
era compreensível e pecado não tinha

em querê-las na minha boca
gritando roucas o que vinha.
mas, como sou uma delas,
não posso com ardor querê-las [...]
porque pra um deus eu tenho cura.
[...]
ouvindo de fora eles acham
que há outro homem no quarto.
mas nenhum homem me ensinou
a fazer o que faço.
e eu tenho desejos
e eu penso nisso o tempo todo
e a minha mente vira
uma tela mal pintada de mulheres nuas.
[...]
os homens assoviam,
ela continua comigo
piso em bilhões de cacos
de ego ferido.
eles se sentem ofendidos
porque há batom na minha boca
e bocas de batom na minha blusa.
“uma mulher suprimindo outra”
“pervertida”
“suja!” (BAETA, 2019, p. 159)

O poema já se inicia falando dos adjetivos que a mulher representada recebe: pervertida e suja. Isto porque o desejo lésbico é sempre visualizado e retratado com as cores do desvio, da anomalia, da patologia, do vício e da aberração. (Antunes, Pimentel, 2020, p.319). A prática sexual, ao servir somente ao prazer entre duas mulheres e não cumprir com sua função “biológica” para a manutenção dos padrões de relacionamentos impostos, torna-se algo repulsivo e impuro, violador da maior alegoria para reprodução humana. Essas duas alcunhas que simbolizam a aversão da sociedade ao desejo lésbico irão acompanhar a sujeita-autora por todo poema, mas com orgulho, ironia e a fúria que é necessária para querer outras mulheres, ela sorri e prontamente as ignora. Ou melhor, as subverte e as transforma em motivo de orgulho, fazendo assim o movimento contrário à vergonha e à autonegação comumente esperadas.

Os próximos versos fazem uma descrição da forma que ela enxerga as meninas e de que forma isso desperta em si um desejo inquietante e, ao mesmo tempo, paralisante, visto que cabelos de medusa fazem referência a personagem mitológica, - uma mulher - que petrifica, por meio de suas madeixas de cobra, homens que a olharem e desejarem, mas no contexto do poema, a vítima da própria atração por medusa é outra mulher. Esse movimento de troca de personagens não somente reescreve a narrativa mitológica, mas também inscreve

o enfeitiçar de uma mulher por outra, isto é, o ato de desejar, como algo possível. Em seguida, há uma constatação interessante que revela o núcleo e a natureza que permeiam todos os questionamentos: se ela fosse um homem, esse desejo visceral que abusa e paralisa seria válido e, sobretudo, natural. Não haveria pecado, não haveria repulsa, afinal, é o instinto, homens são incontroláveis, o desejo insaciável é intrínseco do seu ser e não há como negar isso a eles. Essa linha de pensamento é um dos motores da sociedade patriarcal e colonialista.

Nas palavras de Antunes e Pimentel (2020, p.318), o sistema dominante define o corpo feminino como subserviente exclusivamente ao desejo masculino, o sexo, quando voltado para os homens, é a manifestação natural de sua dominação inata; eles foram feitos para tomar, as mulheres, para entregar. Até mesmo a ciência, por muito tempo, usou do argumento biológico para validar o desejo masculino acima de tudo, incluindo a vontade das próprias mulheres, justificando seus abusos. Rich (2010, p. 21-2), discute como tanto o viés científico quanto o social e o literário reconheceram, validaram e difundiram durante anos correntes de pensamentos que naturalizam o comportamento selvagem e violador do desejo masculino. Rich (2010, p.27) ainda afirma, de forma muito bem colocada, que até a relação sexual mais violenta e desrespeitosa entre um casal hétero é vista como mais normal do que qualquer relação de afeto entre mulheres. Uma das maiores contribuidoras dessa narrativa é a pornografia e sua capacidade horrenda de criar imaginários e perpetuar a mensagem de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso. Além de promover que sexualidade e violência estão diretamente interligadas e que para as mulheres, o sexo é essencialmente uma humilhação prazerosa, um abuso físico que ela não somente aceita como também nasce predisposta a desejar e praticar. Enquanto isso, a sensualidade entre duas mulheres e o erotismo de seu afeto ganha a dimensão da estranheza e da incompletude, o aspecto estranho, doentio e transgressor da natureza, a representação patológica e grotesca do vício, da compulsão e do desvio.

Enquanto os homens são incentivados desde cedo a assumirem o seu papel de predador insaciável e incontrolável, as mulheres têm seus desejos podados desde a infância, menosprezados e silenciados. Não é direito que uma moça sinta tais anseios, não é sequer natural. São objetos inanimados, corpos vazios criados para servir, tão fechadas em si quanto suas vaginas treinadas e controladas para esperar o falo opressor do esposo que já o utilizou em tantas outras mulheres, mas estas eram desonradas e sem valor algum porque numa sociedade em que o corpo da mulher precisa ser intocado, ele também é incentivado como moeda de troca, como bem vemos representados em vários escritos da Literatura Brasileira.

Além da perspectiva biológica, literária e social, a narrativa opressora também se sustenta com o aval e a proteção da religião hegemônica, pois aos homens foi concedido o desejo; às mulheres, foi concedido o pecado e às mulheres que anseiam por mulheres foi concedido o sacrilégio duas vezes mais desprezível e imperdoável.

Voltando à análise do poema, os versos continuam evidenciando os anseios da sujeita-autora e o quanto eles são proibidos por não serem de um homem. Ela não pode querer com ardor outra mulher, ela não pode desejar fazer aquilo que é delegado aos homens, pois sendo ela uma mulher também, que possui semelhanças com seu objeto de desejo, é necessário - e possível, por tal desejo ser visto como patológico - que um deus venha e a cure, a conserte e a converta ao conformismo esperado. Posteriormente, a indignação alheia perante esse inconcebível anseio se torna ainda mais fervorosa quando a mulher desejosa presente no poema sai do campo do querer para o campo da ação. Ávida por colocar seus pensamentos em prática, ela satisfaz de maneira tão voraz outra mulher que quem está fora pensa, por meio do senso comum heteronormativo, quem que está no quarto é outro homem. Mas não! Nenhum homem a ensinou, ela, sendo uma mulher que anseia por outra, conhece coisas que jamais seriam ensinadas a ela, nem por um homem e nem pela sociedade que a enjaula e a reprime. Mais uma vez, a sujeita do poema usa como estratégia a quebra da expectativa imposta, subvertendo a lógica que define o homem como único ser capaz de satisfazer uma mulher.

Na estrofe seguinte, ela faz questão de evidenciar que pensa em mulheres nuas, e pensa o tempo todo; tais versos são importantes porque até o pensar é negado, visto que somente a mera possibilidade de um querer é oprimido, cuspidor é trancafiado nas profundezas do ser. Até mesmo quando se é “aceito”, seja por quem emana o desejo ou por quem diz aceitar o amor entre duas mulheres, a ideia de sexo é polida, higienizada, enojada, como se a elas fosse possível somente o carinho, o afeto. Este querer não pode se estender para o sexo. Isso demonstra as marcas da misoginia e prova como a heterossexualidade compulsória discutida por Rich (2010, p.41) se estende por várias esferas da existência feminina, mesmo dentro da vivência lésbica. A maneira que essas características se interseccionam evidenciam como é naturalizada a ideia de que mulheres não sentem ou não podem sentir desejo, pois a elas é destinada somente a pureza, a virgindade, a frigidez e o resguardo constante, conforme proposto pelos moldes românticos. Não é surpreendente, portanto, que esse estigma esteja duplamente presente na leitura da relação entre mulheres, visto que, suprimida a figura do homem, isto é, o símbolo do desejo sexual, restaria somente a conexão entre duas pertencentes ao gênero imaculado e inocente, que teria como natureza

inata somente o afeto enquanto o sexo funcionaria como uma espécie de mácula a esse vínculo.

Os versos finais expressam o orgulho disruptivo de uma mulher que não somente deseja, mas pensa e repensa os frutos do seu desejo, que põe em ação o seu querer e não se envergonha dele, muito pelo contrário, as marcas físicas que ele deixa são como medalhas que despertam a fúria dos homens frustrados, espalhando os diversos cacos dos egos feridos, pois se para eles um “não” custa muito, ver mulheres que se satisfazem entre si, longe do fetichismo asqueroso e do poder dado a eles, custa mil vezes mais. Machucados e abalados juntamente com as estruturas patriarcais e compulsórias que retiraram das mulheres sua autonomia e sua dignidade sexual, bem como sua capacidade de amar e ser amada por outras mulheres, utilizam dos mais diversos adjetivos para tentar desqualificar ou menosprezar as detentoras e realizadoras dos próprios desejos, pois elas não se enquadram e não se aceitam dentro da posição de meros objetos sexuais subservientes e responsáveis pela satisfação masculina. As duas personagens do poema, protagonistas do ato tão rejeitado e demonizado, caminham satisfeitas e seguras em seus anseios, não dão ouvidos, não cedem os corpos, não renunciam ao seu intenso querer. Não silenciam o que fazem, não escondem seus gestos e tampouco encobrem suas marcas. A relação entre mulheres, principalmente no que tange à esfera sexual, sempre será vista como imoral, reprovável, nojenta, desviante e compulsória, o poema, no entanto, subverte essa linha de pensamento, pois coloca o desejo entre mulheres como válido, legítimo, real e inspirador de orgulho. Nesse sentido, ser pervertida e suja ganha um significado disruptivo e revolucionário, pois, nas palavras de Antunes e Pimentel (2020, p.337), o extremo maior de rebeldia feminina são duas mulheres juntas insubordinadas ao patriarcado.

Aproveitando-me da temática discutida, gostaria de dedicar este curto porém importante espaço para abrir um parêntese. Creio verdadeiramente que dentre os assuntos abordados até aqui, aquele que toca o desejo da mulher, sobretudo por outra, é o que mais enfrentou o silenciamento e a rejeição, visto que mesmo com o passar dos anos e diante das vitórias conquistadas, tal problemática ainda é tratada como um tabu tanto na sociedade quanto na literatura, e por vezes até dentro das próprias comunidades de sexualidades dissidentes. Ainda assim, mesmo diante das barreiras que ainda resistem em se manter intransponíveis, seria injusto de minha parte não me aproveitar dessa temática para citar brevemente a icônica, mas frequentemente esquecida, Odette Pérez Rios (1932), que, com o pseudônimo de Cassandra Rios, foi marcada e perseguida pela Ditadura Militar de 1964 por

escrever sobre a homossexualidade feminina e principalmente o erotismo presente nessas relações.

Autora mais lida e mais vendida durante a década de 1970, podendo ser comparada ao célebre - e homem - Jorge Amado (Almeida, 2019, p.1), suas obras lhe renderam a alcunha de “escritora maldita” e foram consideradas tão explícitas e obscenas que além de fortemente censuradas durante seu período de lançamento, foram destruídas ao ponto de, nos dias atuais, ter se tornado quase impossível encontrar alguns dos pouquíssimos exemplares que sobraram. O questionamento que se cria ao redor desses fatos é: se era tão pornográfica, por que tão lida? Se era tão lida, por que então censurada? E, principalmente, se alcançou a marca de um milhão de exemplares vendidos, tornando-se a primeira escritora brasileira a realizar tal feito, por que raramente ouvimos falar em seu nome? As duas primeiras indagações são fáceis de responder. Cassandra era lida às escondidas e aos montes porque aquilo que os sujeitos cospem à vista de todos para manter a performance da moral e dos bons costumes, é o que verdadeiramente querem ler, seja por curiosidade, fetiche ou desejo reprimido. Foi censurada, mesmo que muito lida, pois o que retratava com suas palavras era um atentado às normas vigentes, tanto no que se refere a um padrão de escrita literária quanto no que diz respeito aos modelos de relacionamento e papéis de gênero da época, tão bem fundamentados na lógica misógina e heteronormativa. A última questão, no entanto, segue sem resposta, pois, mesmo com o fim da ditadura militar, dos avanços relacionados aos debates sobre o desejo da mulher e a legitimação da literatura erótica, o nome de Cassandra Rios, bem como seus escritos, jazem no abismo da marginalidade e do ostracismo. Se o empecilho para o reconhecimento da autora mais vendida da época era o contexto da censura militar, por que que, superado esse contexto, não existe um movimento para resgatá-la? Por ser mulher? Por ser lésbica? Por não se encaixar nos moldes de expressão de gênero ou por escrever abertamente sobre os desejos que ainda perturbam a narrativa conservadora? Independente da motivação, é necessário que se fale sobre ela além da alcunha de “perseguida”.

Cassandra foi pioneira, revolucionária, corajosa, “pervertida e suja”. Escreveu o que por tanto tempo tentaram conter e apagar, tocou em feridas crônicas que sangravam incessantemente embaixo dos panos que cobriam a realidade, desafiou as imposições, os limites e o conformismo da época. Marcou muitos e chocou a todos. Se não foi ativamente política em gestos, conseguiu transbordar resistência somente por existir e continuar publicando seus livros mesmo mediante as ameaças da ditadura. Reinventando seus pseudônimos, se manteve viva e fez história com sua linguagem e obras descritas como

obscenas. Conforme discutido por Pereira e Camargo, no artigo *Sexualidades desviantes na literatura contemporânea*

Uma linguagem é considerada obscena quando há a presença de um vocabulário técnico utilizado para nomear aquilo que o pudor, a moral e os bons costumes excluíram do cotidiano [...] quando perturba uma identidade, um sistema, uma ordem. Aquilo que não respeita os limites, os lugares e as regras. (Pereira, Camargo, 2020, p. 357)

Rios escancarou as portas e também as pernas, sejam as próprias, as de suas amantes ou as das belas damas recatadas que coravam ao ler seus escritos “pornográficos”. Evidenciando que literatura serve a quem a controla, a “escritora maldita” foi e ainda é excluída do cânone literário brasileiro, dos estudos acadêmicos e da memória de muitos, sendo uma prova dolorosa, mas pulsante de como a heterossuaxilidade compulsória e suas cordas de marionete agem no apagamento da existência de mulheres lésbicas e seus desejos. "Quanto mais moralista e dona de padrões rígidos de conduta sexual, maior será a disparidade entre a chamada Literatura canônica e a literatura menor, erótica ou pornográfica, sobretudo de grupos sociais marginais/minoritários..." (Antunes, Pimentel, 2020, p. 332).

Dito isso, se hoje Elayne Baeta pode escrever e tantas outras meninas podem ler e se sentirem seguras em seus afetos, anseios, identidades e práticas, ainda que diante de uma sociedade tão conservadora, é porque Rios lutou, se sacrificou e abriu as portas à sua maneira, cicatrizando seu nome na história; é porque, de alguma forma, ela ecoou através do tempo e do silêncio impositivo. Dessa maneira, Cassandra Rios não deve ser condenada ao abismo do ostracismo como foi e é pelo cânone literário, pela sociedade e pela história. Ela deve ser lida, resgatada, lembrada e, principalmente, estudada e discutida, pois não há como falar das discussões do presente e das perspectivas de futuro sem resgatar as batalhas travadas no passado. É preciso desenterrar e dar nome aos cadáveres assassinados pelo patriarcado colonialista disfarçado de Senhor da moral e dos bons costumes.

O último – mas não menos importante – poema a ser analisado é praticamente uma reunião de todos os tópicos debatidos anteriormente, no entanto, aprofunda-se mais no recorte de uma vivência específica, relacionada não somente aos aspectos da sexualidade, mas também das performances de gênero. Isso porque ao falarmos de dissidências queer, não estamos tratando apenas da esfera da orientação sexual, mas das expressões manifestadas a partir do gênero, visto que é fato incontestável que além de um padrão heteronormativo

controlador das atrações, existe uma imposição binária acerca dos papéis e das expressões que definem o que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade. Tais imposições agem por meio de vários elementos na construção identitária do indivíduo, a vestimenta, o corte de cabelo, as atividades praticadas e os gostos são estereótipos que aprisionam os sujeitos em rótulos pré estabelecidos pelas construções sociais. Dessa maneira, cria-se um conjunto de regras impositivas que forcem mulheres a seguir um padrão rígido do que se define por feminilidade, enquanto aos homens é reservado outro grupo de elementos voltados ao que se nomeia por masculinidade. Firmados estes modelos, qualquer um que se desvie minimamente de suas prescrições sofre as consequências do preconceito, da exclusão e da ilegitimidade. Conforme o esperado, essas pressões conformistas atuam diretamente no imaginário e nas vivências de pessoas queers, construindo paradigmas externos e internos à comunidade.

Assim sendo, mulheres lésbicas e/ou bissexuais que não performam a feminilidade padrão sofrem os estigmas da tripla transgressão: a condição de ser mulher, não hetero e expressar seu gênero de maneira dissidente, sendo constantemente atingidas e marcadas por rótulos dolorosos, alcunhas depreciativas e estereótipos que as desumanizam e as colocam em posições robóticas determinadas.

À vista disso, o poema “Memórias Póstumas” fala acerca das dificuldades vivenciadas por uma mulher que ama mulheres, mas que não performa a feminilidade imposta pelo padrão heteronormativo. Ao falar do peso dos estereótipos jogados sobre essas existências, seus versos evidenciam como essas dores, por vezes, são causadas não somente pela sociedade conformista, mas também pelas próprias companheiras de comunidade que por influência dos constructos heterocêntricos, acabam reproduzindo comportamentos violentos.

Devido a sua extensão, colocarei em discussão apenas alguns trechos do poema enquanto comento a problemática abordada em cada um deles. Ao final, farei um comentário geral e uma breve reflexão acerca do que foi discutido, conforme ocorrido nas análises anteriores. Os primeiros versos são bem marcantes, assim e dizem:

sou eu que me pareço com um homem
ou a sua insistência em um padrão heteronormativo
que me nega enquanto mulher?
e quando colocada enfileirada do lado das outras
só por não usar vestidos e ter a cabeça raspada
me torno a mais fria
a mais propensa a trair [...](BAETA, 2019, p. 117)

O questionamento proposto aponta para uma reflexão interessante acerca dos padrões rígidos que a heteronormatividade impõe e a constante afirmação de que mulheres

desfeminilizadas querem, na verdade ser e atuar como homens na sociedade e em seus relacionamentos. A realidade, no entanto, é que mulheres que apresentam uma expressão de gênero distinta da norma são negadas destituídas desse lugar porque o padrão do que se considera feminino atende aos desejos do patriarcado. Os longos cabelos, a maquiagem bem feita e os sinuosos vestidos fazem parte do imaginário delicado que agrada ao olhar de homens e servem às suas fantasias. Além disso, um corpo de mulher transvestido do que a sociedade destinou aos homens, atenta contra as leis da natureza criadas pela religião e pela cultura misógina, pois além de não poder ser fetichizado, ocupa um espaço que não lhe foi concebido. Nesse sentido, uma mulher que além de desejar outras mulheres renega sua feminilidade, agride a dominação masculina e a ideia do homem como centro e detentor único de determinadas atividades, formas de expressão e trejeitos. Assim, a resposta válida ao questionamento da sujeita na poesia é justamente a de que uma mulher desfeminilizada não é a tentativa falha de imitar um homem, mas que ela realmente sofre uma rejeição da sua posição enquanto mulher que não performa o estereótipo de mulher imposto pela sociedade.

Assim, por mais que se evidencie a violação que estas mulheres sofrem por não se expressarem da maneira desejada pelos ditames patriarcais, a comparação constante com um homem é quase inevitável, até mesmo por parte de outras mulheres não heterossexuais, mas que performam gênero de acordo com norma social. (Lésbicas e bissexuais lidas como femininas sofrem outros tipos de violência e invalidação, no entanto, não irei me ater a eles posto que não são o foco dessa análise.) Esse tipo de preconceito internalizado gera uma série de prejuízos e coloca essas mulheres em determinadas posições que não correspondem às suas verdadeiras vivências ou realidades. Um exemplo disso é evidenciado nos versos que descrevem que por “não usar vestido e ter a cabeça raspada”, esta mulher seria mais propensa a trair, a ser fria, rude e mais forte física e emocionalmente. Ao falar sobre sua experiência enquanto mulher lésbica, a intelectual Gloria Anzaldúa escreveu:

Por vezes, amigos e pessoas próximas de pessoas lésbicas ou pessoas que sofrem preconceito criam uma imagem romantizada e idealizada delas, as atribuindo características de super força e resistência que acabam por desumaniza-las. Por mais que esse poder exista, muitas vezes retratado com o nome de orgulho, resiliência, eles não impedem que a violência ocorra, que a vida se torne mais fácil.” Anzaldúa (2020, p.77).

Nesse sentido, essa narrativa de que mulheres lésbicas, sobretudo as desfeminilizadas, não sofrem, não possuem sentimentos ou qualquer capacidade afetiva,

muito mais do que somente emparelhá-las aos homens, as coloca num espaço violento de marginalização e retira delas um direito básico da existência humana: sentir.

Também é descrito no poema, embora não exposto no fragmento em questão, que mulheres desfeminizadas normalmente não ganham flores, não possuem o direito de ter amigas pois estão sempre numa posição predadora, (esse estereótipo é muito atribuído a lésbicas no geral, mas recai mais pesadamente naquelas que são lidas como masculinas por conta da constante comparação com homens), não são dignas de dar ou receber afeto visto que são lidas com o olhar da desconfiança e o pré-julgamento de que irão desejar sexo com toda e qualquer uma com que interajam, recebendo assim a alcunha de “cafajestes” tal qual os homens. A imagem de lésbicas como predadoras sexuais insaciáveis não surgiu de repente ou nasceu a partir do olhar de suas iguais. Basta uma breve análise da nossa literatura para perceber que esses estereótipos, assim como muitos outros, foram construídos e incutidos no imaginário social por meio de representações errôneas, distorcidas e preconceituosas, posto que, conforme bem pontuado por Antunes e Pimentel (2020, p.327), ao analisarem obras que possuem personagens lésbicas, essas pessoas eram retratadas como prostitutas lascivas que corrompem mulheres inocentes, como seres andróginos que repetem comportamentos masculinos com monstruosidade e volúpia ou como anomalias genéticas que possuem o vício, isto é, a compulsão invertida. Nesse sentido, os estereótipos que condenam e aprisionam as mulheres que querem mulheres não são nada demais que os estigmas do passado ecoando no presente.

Gostaria de destacar que a discussão que estou propondo aqui não esgota a complexidade que esta temática pede, visto que as relações entre expressão de gênero e sexualidade vão muito mais além. Tomei lésbicas como exemplo por conta da vivência da autora, da expressão no poema e por ser uma experiência mais comum a elas, no entanto, mulheres bissexuais também podem performar gênero de forma dissidente e sofrer uma dupla rejeição, devido a existência de um padrão que impõe que bissexuais sejam automaticamente femininas e lésbicas automaticamente masculinas. Uma mulher bissexual desfeminizada será constantemente invalidada, pois este não é o estereótipo atrelado a essa sexualidade, enquanto lésbicas femininas também serão constantemente questionadas se realmente são lésbicas.

O problema se torna ainda maior quando se olha para dentro da comunidade e se percebe que muitos padrões dos relacionamentos heteronormativos acabaram respingando nas dinâmicas entre os casais compostos por duas mulheres, e esse é o núcleo da discussão do poema: determinadas lésbicas e/ou bissexuais ao se relacionarem com mulheres

desfeminilizadas acabam por atribuir a elas o papel desempenhado pelos homens num relacionamento heterossexual. Sabemos que tais atitudes são inconscientes e revelam as consequências da cristalização dos estereótipos na mente do indivíduo e a ação da heterossexualidade compulsória em diferentes esferas da vida da mulher. É claro que até mesmo a definição de “papel de homem” é problemática por si só dentro da sociedade, mas o poema trata da descaracterização dos relacionamentos entre mulheres e da normatização heterocêntrica na lógica de um relacionamento que não deveria ter homens envolvidos. Destaco outros versos que reforçam esse debate:

“não terei direito a buquês de flores
porque sou sempre hipersexualizada
não como o apodrecido conceito de objeto de desejo
e sim como fóssil lascivo
fui feita para causa prazer
receberão de mim coisas
que assim como flores não me darão de volta
não sou desejada dessa forma
não sou querida para isso [...]” (BAETA, 2019, p. 117)

É óbvio que a dinâmica sexual entre um casal é um acordo entre ambos, no entanto, o que poema busca explicitar por meio desse trecho é que sempre se espera uma determinada posição da mulher desfeminilizada: a de quem tudo faz e nada recebe, pois além de não ser digna de afeto, também não é digna de toque, de ser desejada, apenas de desejar e realizar. Ao se comparar com um “fóssil lascivo”, a sujeita autora quis expressar o engessamento em cima dessas mulheres; elas são rígidas, não sentem e nem podem sentir, apenas foram feitas para causar. Além disso, o simbolismo das flores é constante, pois buquês geralmente representam afeto, mas dentro da lógica heteronormativa, homens presenteiam mulheres com flores e não o contrário, por isso, mulheres desfeminilizadas não são dignas de tal ato ou não ganham flores pois não apresentam o estereótipo de quem as recebe. É claro que isso não implica dizer que toda mulher – desfeminilizada ou não – gosta de ou precisa necessariamente ganhar flores, mas a questão está na simbologia do gesto e não propriamente no gosto pelo presente. Baseado no exposto, não seria absurdo afirmar que mulheres não são ensinadas a amar mulheres; em nenhum sentido. Muito pelo contrário, tudo que geralmente sabemos sobre amor, afeto, carinho e gestos românticos, foi, em sua grande maioria, criado e perpetuado pela perspectiva dos homens.

Para fundamentar esta afirmação, trago o pensamento da teórica feminista bell hooks, explicitado em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (1999). Segundo a autora,

boa parte dos livros que tratam sobre o amor, no sentido de tentar defini-lo ou teorizá-lo, são escritos por homens. Embora mulheres aparentem praticá-lo com mais frequência, ele somente é levado a sério quando apresentado pelo olhar masculino. “A maioria dos homens sente que recebe amor e, portanto, sabe o que é ser amado; as mulheres geralmente se sentem num estado constante de anseio, querendo amor, mas sem recebê-lo.” (hooks, 2021 p.30). Além dessa constatação, a autora também afirma que o amor, na cultura popular, é sempre da ordem da fantasia; e essa está sobre o domínio masculino, tanto na vivência cotidiana quanto na produção de obras no contexto cultural. Nesse sentido, “A fantasia masculina é vista como algo capaz de criar realidade, enquanto a fantasia feminina é tratada como puro escapismo.” (hooks, 2021, p.32). Se homens podem por meio de seus escritos criar realidade e, conseqüentemente o que se entende por amor, faz sentido que apenas eles se sintam amados enquanto as mulheres vivenciem somente o anseio por esse sentimento. Faz sentido que eles criem as regras, os moldes e as imposições.

Essa tese corrobora com a afirmação de Rich (2010, p.26) sobre a heterossexualidade compulsória agir não somente no âmbito do domínio físico, mas também no domínio da consciência; se somente homens sabem o que é ser amado e cuidado, é porque os ditames do patriarcado e da heterossexualidade compulsória direcionam e condicionam o afeto das mulheres a eles e nada mais. O movimento natural é amar a figura masculina e não umas às outras. O desejo, a admiração e até mesmo a identificação são voltadas aos homens, enquanto a relação entre mulheres fica relegada somente à competição feminina, ao distanciamento e ao estranhamento, impedindo que a conscientização sobre outras possibilidades de afeto se construam. Por conta desses construtos, a relação entre mulheres, mesmo quando românticas e sexuais, enfrentam dificuldades e inconsistências, principalmente se uma das figuras é confundida nesse entremeio de papéis de gênero, pois a partir do momento que uma não enxerga a outra como uma mulher, também não enxerga seu anseio por afeto. Diante disso, podemos constatar o quão nocivas e presentes são as consequências da imposição heteronormatividade, que enraizada no imaginário e nas ações dos indivíduos, promove problemas até onde ela não parecia ser capaz de alcançar.

Voltemos à análise do poema. O próximo trecho escolhido diz:

[...] sou o mais perto de um homem que dá pra se ter
num sábado à noite cheio de encantos e fetiche
achei que ganharia flores
fui curiosidade matada

morro sempre que acontece
morro várias vezes nesse percurso [...] (BAETA, 2019 , p. 117)

Nesse trecho, a autora evidencia que muito mais do que a representação de um papel, as mulheres desfeminilizadas também são uma espécie de fetiche, e por “parecerem” esteticamente com um homem, por vezes são utilizadas como objetos para sanar a “curiosidade” de outras sem comprometer a sexualidade alheia. Num sábado à noite, no qual as investidas em homens não deram resultado, uma mulher desfeminizada, por vezes carente e ingênua diante da dinâmica dessas relações, serve como algo para amaciar o ego ou suprir uma necessidade momentânea. Novamente vemos o fracasso dessas relações construídas sobre os estereótipos impostos pela heterossexualidade compulsória e pelo eco dos estigmas cristalizados no imaginário das sujeitas em questão. A mulher desfeminizada tão marginalizada e carente de afeto, recai aos deleites fetichizados daquela que, amarrada pelas correntes do conformismo, busca e necessita da figura de um homem a qualquer custo, enxerga na desfeminizada a animalização, o desvio e a volúpia de prostituta atribuídos a ela. No final das noites, o que se tem é novamente mulheres já tão violentadas pela sua tripla condição clandestina falando de um lugar de falta, de não terem recebido o amor que desejavam. Segundo hooks (2021, p.33), acabar com o patriarcado é um passo na direção do amor, pois ele não é somente um sentimento, e sim uma soma de ações na qual os abusos e as violências impostas pela estrutura patriarcal não podem coexistir.

Quanto aos versos finais, estes dão uma explicação sobre o título do poema e falam das consequências dolorosas causadas pela sucessão de eventos citados:

“[...] estou decompondo diante de todos
estou coberta de terra pelo que fazem comigo
escrevo poema sob sete palmos
no testamento da morte de agora
quero deixar tudo o que eu tenho para uma floricultura
meninas como eu pegam flores de graça [...]” (BAETA, 2019, p. 117)

“Memórias Póstumas” não é somente uma metáfora para evidenciar que a autora escreveu esses versos após as “mortes” simbólicas provocadas pelas vivências dolorosas, mas também uma referência ao famoso romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), bastante conhecido pela icônica frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" (ASSIS, 199, p. 23) , pois indica que a rememoração e a escrita das memórias da vida foram feitas após a morte. Diferente do personagem do romance, que morre fisicamente e somente uma vez, as mortes da mulher desfeminizada no

poema são constantes, sucessivas; e as memórias? Estas não param de ocorrer. Talvez findem quando esta mulher tomar consciência de si e tentar não buscar relacionamentos com pessoas que não a respeitam, podendo finalmente receber as flores que merece. Talvez mudem quando ela finalmente compreender que é sim digna de afeto, de desejo, de flores e de existência, e que dentro da ação de amar não cabem dúvidas, não cabem violências de nenhuma natureza. “Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes — carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (hooks, 2021, p.41). Ainda assim, reconheço a profunda complexidade dessas dinâmicas que por vezes ocorrem no automático. Não é de bom tom e muito menos minha intenção tentar racionalizar o desabafo da sujeita autora e tampouco diminuir o sentimento de tantas outras mulheres desfeminilizadas que experienciaram ou irão experienciar esse tipo de vivência.

Em síntese, o poema oferece um lugar de conforto e reflexão para aquelas que, em momento de angústia, buscam a validação de seus sentimentos, pois muitas vezes não encontram esse acolhimento ou essa compreensão em outros lugares ou pessoas. O cânone da Literatura Brasileira está cheio de memórias póstumas, desabafos dolorosos e poemas sobre rejeição - Álvares de Azevedo que o diga - mas se não consigo me recordar de nenhum que comporte a experiência de mulheres que amam mulheres, sobretudo as desfeminilizadas, deve ser porque não existe. Por conta disso, reitero a minha crença na importância dessa obra como uma espécie de primeiro contato para aquelas mulheres que amam mulheres e não sabem por onde começar a se entender. Para aquelas que, tendo somente diante de si a visão da anomalia, das prostitutas e das predadoras, consigam enxergar além e buscar outras perspectivas. Além disso, anseio também que a reflexão que permeou as ondas dos meus pensamentos, permeie os delas, quem sabe assim a sujeita autora não precise deixar flores para suas iguais, quem sabe morram menos meninas e mulheres dissidentes pelas mãos assassinas das experiências dolorosas manifestadas pelas estruturas de poder conformistas.

O livro tem diversos poemas, no entanto, a análise de apenas sete deles foi o recorte proposto para promover discussões e reflexões acerca da vivência lésbica/não heterossexual e todos os elementos intrínsecos a esse contexto. Esses movimentos são possíveis justamente porque a literatura é um solo frutífero não somente para promover representações e criar perspectivas, mas também para oferecer construções críticas, engendrar novos questionamentos e, principalmente, desconstruir discursos enraizados pelas estruturas de poder que a usam como uma ferramenta de silenciamento e propagação violências. Nesse sentido, conforme exposto na metodologia, a seleção dos poemas analisados não foi aleatória

ou simplesmente uma questão de gosto pessoal. De maneira crítica, busquei por meio dos versos de Baeta, construir uma viés de análise que retrate os processos concernentes às vivências de mulheres que amam mulheres; O momento da descoberta, a dúvida, a identificação, o orgulho, a tomada de consciência crítica sobre a própria existência, a luta política contra os ditames da heterossexualidade compulsória e, destacadamente, a relação com o erotismo, que pode ser considerado o fato mais violentamente apagado da experiência feminina/lésbica. (Rich, 2020, p.40)

Por fim, gostaria de destacar que ao escrever esses versos, Elayne Baeta somente queria existir. Queria falar de suas vivências, pois não tinha um guia, não tinha um livro dentro da literatura brasileira no qual ela conseguisse se enxergar. No entanto, ao transformar seus sentimentos em versos, ela marcou sua existência na história. Talvez não no rígido cânone, mas na trajetória de muitas outras que, após a lerem, conseguiram enxergar a si. Ao escrever um livro de poesia lésbica, ao ser apontada como tal e definida como mulher desfemenilizada em todos os ambientes, ela desenhou a nossa existência na realidade concreta.

Anzaldúa debate que, para a cultura dominante, adjetivos são uma forma de coagir e controlar; uma forma de separar, diminuir e conter existências. Essa marginalização por meio da nomenclatura decide quem vive, quem fala, quem é válido. No entanto, a partir do momento em que o rótulo é utilizado pela própria sujeita para se colocar contra seus opressores, ele ganha um novo significado. "meu rotular a mim mesma é para que todas as pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas ou assassinadas. Nomear é como faço minha presença ser conhecida [...] É uma tática de sobrevivência" (2020, p. 128). Assim sendo, se a construção de sentidos de um escrito somente se estabelece na relação entre autor - obra - leitor, podemos afirmar que "Oxe, baby" é uma estratégia de sobrevivência e existência comum entre Baeta e aquelas que encontraram em suas palavras uma forma de conforto e validação. Cada uma com sua leitura. Cada uma com sua vivência íntima. A literatura é o caminho, é o espaço e o instrumento que possibilita essas relações, pois ela não somente nasce da falta de algo, conforme afirmado por Perrone-Moisés (1990), mas germina da necessidade de fazer este algo continuar a existir.

Considerações finais: Escrever é um ímpeto de subverter

Conforme apontamos no início do trabalho, a definição sobre o que é literatura é complexa e variável, no entanto, a única certeza incontestável é o seu poder transformador e

sua capacidade de direcionar, concretizar e estabelecer visões de mundo, podendo contribuir tanto para a manutenção das estruturas de poder e o endossamento de seus discursos conversadores quanto para o rompimento das ideias perpetuadas pelo sistema colonial capitalista, racista, misógino, homofóbico e eurocêntrico. O objetivo desse trabalho, portanto, foi salientar, por meio da obra poética *Oxe, baby*, de autoria de uma mulher, baiana, lésbica e desfimenilizada, Elayne Baeta, a literatura como um espaço deveras fecundo para representação e representatividade das vivências dissidentes silenciadas ao longo dos séculos e apagadas da nossa história literária.

Nesse sentido, deposito minhas crenças no conceito que define a literatura não somente como uma ferramenta, no sentido de ser utilizada para um determinado fim, mas como um lugar fértil do qual infinitas possibilidades podem germinar. Possibilidades essas dotadas da capacidade de romper com o silenciamento imposto, promover novos questionamentos e a busca pela desconstrução dos estereótipos e preconceitos instituídos ao longo de nossa existência, tão marcada pela marginalização e a violência que retira de nós o direito básico de colocar em palavras as nossas vivências. Para além da transformação crítica e a construção de sujeitos conscientes, também creio na literatura como um lugar de conforto no qual as palavras abraçam as experiências que o sistema colonial buscou retirar de nós; um lugar no qual possamos somente desfrutar da fruição concernentes às nossas dores, afetos, frustrações e desejos, como qualquer outro ser vivente. Do mesmo modo, além de acreditar na literatura como um lugar para plantar resistências e colher existências, acredito também no poder da escrita, não somente como uma fuga da realidade, mas como um agente transformador dessa.

Para tanto, faço-me uma última vez de portadora das palavras fortes da lésbica chicana e intelectual, Gloria Anzaldúa, que define o ato de escrever como um *ímpeto de subverter*. Escrever salva da complacência, mantém vivo o espírito de revolta; escrever compensa aquilo que falta para pessoas marginalizadas; escrever é uma forma de combater a fome causada pela vida e pelas estruturas de poder que tanto riram de nós; escrever é registrar nossa existência no mundo. Escrever é se conciliar com aquela parte de si que foi rechaçada por atentar contra os padrões do conformismo. "Escrevo para registrar o que apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas que eles contam de mim, de você" (2021, p.52).

Por fim, sei que as garras da heterossexualidade compulsória continuarão a tentar ferir nossa história e a nossa existência. Sei que minhas pequenas reflexões não mudam um sistema inteiro do dia para noite e tampouco transformam os padrões impostos, no entanto, se aqui escrevo é porque de alguma forma existo. Resisto. Insisto. Além disso, sei mais ainda,

que os construtores do cânone rígido tentarão colocar os poemas aqui analisados como uma literatura menor; por se tratar das experiências de uma mulher, lésbica e desfeminizada e por não se adequar as estruturas beletristas estabelecidas pelos poderosos da linguagem. No entanto, se o que nos valida enquanto seres humanos nos valida enquanto escritoras, Elayne Baeta e tantas outras continuarão sendo os "Vermes que causam buracos no cânone literário" (Anzaldúa, 2021, p.193). Seus versos e narrativas continuarão alçando corações marginalizados e recuperando vozes que foram silenciadas, abraçando meninas em descoberta, desconstruindo discursos puristas, enterrando as velhas envergadas, validando existências desviantes, promovendo orgulho aos desejos pecaminosos e aos afetos furiosos que tentaram e ainda tentam conter.

Quando escrever significa resistir e ler significa construir identidades a partir do reconhecimento de si e da tomada de consciência crítica, a literatura cumpre seu papel enquanto ponte, enquanto lugar e enquanto agente transformador da sociedade, da realidade e do mundo. "Ao buscar respostas do porquê a literatura encanta, encontrei ainda mais perguntas. Foi isso que me salvou".

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Sherry Morgana Justino de. De Cassandra Rios ou da censura pelo cânone brasileiro. In: *Desfazendo Gênero*. 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/desfazendo/2019/PROPOSTA_EV129_MD3_ID351_21102019222438.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

ANTUNES, Cristiane; PIMENTEL, Renata. O lesboerotismo na literatura brasileira: notas sobre um percurso contra (h)istórico. In: MITIDIERI, André; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (orgs.). *Revisões do cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 317–338.

BAETA, Elayne. *Oxe, baby*. 8. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2024.

FERNANDES, Eduardo Albuquerque; CAMARGO, Flavio. Sexualidades desviantes na literatura brasileira contemporânea. In: MITIDIERI, André; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (orgs.). *Revisões do cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 341–364.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

JORNAL DE BRASÍLIA. Quem é Elayne Baeta, que atendia em funerária e virou sucesso lésbico na literatura. *Jornal de Brasília*, 06 set. 2024. Disponível em: <https://jornaldebrasilia.com.br/viva/literatura/quem-e-elayne-baeta-que-atendia-em-funeraria-e-virou-sucesso-lesbico-na-literatura/>. Acesso em: 11 out. 2025.

MACHADO, Rodrigo; SOARES, Ivanete. Por um ensino decolonial de literatura. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 21, n. 3, p. 981–1005, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/wcdxsD3sqYmYVRSQncPV4ty/?format=html&lang=pt>.

MORICONI, Ítalo. Circuitos contemporâneos do literário. In: VIDAL, Paloma; MAGRI, Ieda (orgs.). *Literatura: meu fetiche*. Recife: Cepe, 2020. p. 31–49.

NOTÍCIAS DA BAHIA. Conheça Elayne Baeta, autora baiana com livro recordista de pré-venda no Brasil. *Notícias da Bahia*, 2022. Disponível em: <https://noticiasdabahia.com.br/conheca-elayne-baeta-autora-baiana-com-livro-recordista-de-pre-venda-no-brasil/>. Acesso em: 12 dez. 2025.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura. In:

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 345–351.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores na escrivaninha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

QUINTANA, Mario. *A cor do invisível*. 6. ed. São Paulo: Globo S.A., 2003.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Trad. Carlos Guilherme do Vale. *Bagoas – Revista de Estudos Gays*, n. 5, p. 17–44, 2010.